

O esquizotexto e a geneocartografia arteira de escritos psis sobre delinquência: Relatos-Ensaio-Contos-Crônicas-Poesias

The schizotext and the artful geneocartography of psy writings on delinquency: Reports-Essays-Stories-Chronicles-Poems

Edson Campos Furtado

Universidade Federal Fluminense (UFF)

RESUMO:

Este artigo trata-se da primeira parte da pesquisa que compõe minha tese de doutorado. Nestes escritos, apresento uma proposição de método de produção de conhecimento denominada esquizotexto e a geneocartografia arteira: relatos-ensaio-crônicas-contos-poesias. A aposta metodológica é aproximar distintos gêneros narrativos para pensarmos o problema da delinquência. Desviando-se de uma clássica forma de escrita acadêmica, caracterizada por ensaios científicos sisudos e, por isso, supostamente neutros, um esquizotexto opera pela parceria de outras formas de gêneros de escritos. Na seqüência desse esboço de proposição metodológica, problematizo minha experiência como psicólogo em Conselhos Tutelares, compartilhando, então, relatos transcritos de histórias que me atravessaram no interior da instituição.

Palavras-chave: Escrita-psi-Conselho Tutelar-Relatos

ABSTRACT:

This article is the first part of the research that makes up my Doctoral thesis. In these writings, I present a knowledge's production method proposition called schizotext and the artful geneocartography: reports-essays-stories-chronicles-poems. The methodological stake is to approach different narrative genres to think about the problem of delinquency. Deviating from a classical form of academic writing, characterized by sterns scientific essays and, therefore, supposedly neutral, a schizotext operates the partnership of other forms of writing genres. In the sequence of this outline of a methodological proposition, I problematize my experience as a psychologist in Guardianship Councils, sharing, then, transcribed reports of stories that crossed me within the institution.

Key words: Psy-Writings-Guardianship Councils-Reports

DOI: 10.12957/mnemosine.2023.85822

O esquizotexto e a geneocartografia arteira

O esquizotexto é uma pesquisa-experimentação. Ele é uma espécie de novo rebelde, ou seja, é um composto de linhas que se recusam a obedecer, que contestam, que se opõem, tratando-se, enfim, de um conjunto de linhas narrativas que não se conformam a determinadas normalizações no campo social. Historicamente, na tradição da forma de produção de conhecimento acadêmico, os textos constituem-se como blocos monolíticos

que sugeririam ser verdades inquebrantáveis que convenceriam inequivocamente o leitor. Porém, adiante, não se trata do objetivo do convencimento.

O esquizotexto não é um texto com uma seqüência lógica entre os textos, onde haveria problematizações de início mais simples e que se tornariam mais complexas à medida que avançassem. Sua aposta se dá numa produção de conhecimento caracterizado por uma fragmentação textual com passagens de uma forma de narrativa à outra. Com isso, por vezes, haverá também quebras aparentemente abruptas de um tópico ao outro, mas não se trata aí de falta de coesão. Uma escrita-experiência não se deseja tão lisa, já que o próprio pensamento se desenrola por cortes e abrupções.

Esquizotexto quer dizer, então, um processo de aproximação de híbridas linguagens textuais transitando, cuja forma geral é contingente e só diz respeito às possibilidades do agora. Ao não se preocupar em seguir um pensamento em linha reta, arrisca-se na potência de conexão entre as partes do conjunto. Sua composição se dá por meio de esquizografias ressonantes, que são como linhas de escritos que ecoam por distintas formas de escritos. Suas esquizografias funcionam como peças autônomas, dirigindo-se ora em convergência ora em divergência de direções. Em suas trajetórias, em que avança por recuos e novos resvalos em temas já abordados, o pensamento perdura e se expande em um modo de escrita caracterizado mais por um espalhamento de direções que por aprofundamento em suas posições. O objetivo é uma escrita comprometida em problematizar como a vida tem se constituído, em meio a determinadas produções de subjetividade, sempre tendo como núcleo o drama da delinquência.

O esquizotexto compõe-se também pela brincadeira: o lúdico não está apartado da implicação do pensamento. E essa forma de organização textual se exprime, ainda, por uma escrita delinqüente, isso no sentido de pegar o que precisa para suas utilidades e dar o uso que melhor lhe apetece, daí o recurso da experimentação de uma escrita artística, onde melhor se exerce essa perspectiva. Esse é um dos gozos da escrita literária, pois ela rouba o que quiser do que for possível da existência e os amalgama, sem prestar contas, senão oferecendo narrativas claras e lógicas ao leitor. No esquizotexto, assim, cabem o impreciso e improvável resistindo ao absolutismo da razão. É um texto onde aparece o talvez, mas tão somente pouco o suficiente para não recair na ditadura da certeza, ofertando, ainda, um espaço para o não sei que, em seu delírio, vem vestido de incompletude, insinuando o transitório e efêmero percurso dos corpos. Seu leme aponta

para o movimento do pensamento, seja por onde e como for. A ciência não ri em sua escrita. É uma estratégia para agregar ainda mais valor de verdade aos seus enunciados a partir do que seria uma seriedade no trato com os assuntos. Essa estratégia foi um modo de se constituir como uma escrita diferente aos demais modos de escrita. Mas há saúde em rir em meio a tudo isso. E saúde aqui quer dizer uma disposição para se efetuar no mundo, criando, agregando, expandindo, conectando e compartilhando a alegria frente ao trágico. As almas pesadas que se biquem se quiserem, pois se o riso não resolve, tampouco a solenidade soluciona.

O esquizotexto parte de vários lugares e não sabe exatamente para onde vai a seguir. Ele caminha, portanto, na liberdade de não ter caminhos obrigatórios por onde transitar. Não há uma forma pré-concebida do que seja um esquizotexto, senão um posicionamento que implica em sua não adequação total ao paradigma de um texto científico clássico, cujo objetivo é introduzir, desenvolver e concluir verdades comprováveis. Para o esquizotexto, o objetivo da verdade funciona de outra maneira: há tanto a expressão do dispositivo da prova em sua demonstração dos dados, como há os espaços para narratividades que têm a dizer sem objetivar comprovar verdades, daí sua aproximação com a arte e a cartografia. Ao não se ocupar em manter uma mesma forma de expressão, na medida de não buscar a verdade da verdade, mas, buscando cartografar verdades em movimento, suas palavras expressam a própria possibilidade do ser humano na escrita. Apostar no artístico é apostar numa estética infinita de novos territórios por onde transitar como ser sensível, em que o corpo viaja sentado por mundos lendo e escrevendo, vivendo vidas e mortes. Assim, o pensamento se faz nômade com o corpo que, sedentário na cadeira, pelejando perplexo na página ora perpicaz, ora plácida, mas também pernicioso, provocante e perigosa.

Em sua forma, com isso, se não há filiação metodológica, ainda assim este esquizotexto congrega automaticamente mais de uma metodologia. Compreendendo o que se denomina por geneocartografia arteira, este texto orienta-se, provisoriamente, inspirado, sobremaneira, por uma perspectiva genealógica, mas flertando também com o método cartográfico como produção de conhecimento. Arteiro quer dizer experimentar fazer arte para pensarmos a constituição de nosso presente, quer seja quanto às condições de possibilidade para a emergência dos poderes que se efetivam na sociedade, quer seja no modo como sentimos, entendemos e nos colocamos em meio aos problemas. Enquanto o artista vive de arte, buscando produzi-la e vendê-la no mercado de consumo para poder

viver de seu talento, o arteiro, diferentemente, produz arte, mas no modo facultativo no uso de si e do seu tempo, onde não há, portanto, o imperativo da venda da sua criação como meio para sua subsistência.

De sua parte, como diz Foucault (1999: p. 14), a genealogia funciona como uma anti-ciência. Ela busca operar contra os efeitos próprios dos discursos científicos. Ela é uma maneira muito específica de produzir histórias, ou melhor, de inventariar micro histórias que, em seu conjunto, funcionam como condição de possibilidade à emergência dos objetos com os quais lidamos. O que está em jogo para a genealogia, segundo o autor, é mostrar os dispositivos de poder que, em seus mecanismos, conexões e efeitos, se exercem em meio à sociedade produzindo os objetos (*Ibid.*, p. 19). Mas os objetos não são estanques e nem se encontrariam à nossa disposição para entendê-los em sua essência, pois sua característica descontinuidade histórica é efeito de modificações que se dão em virtude dos arranjos de poder e de saber que os constituem. Ou seja, a delinquência não é a mesma desde sempre e nem sentida da mesma maneira em todo lugar porque os poderes e os saberes que a constituem se modificam em vista de estratégias. O pesquisador genealogista funciona, em sua postura, de acordo com Lobo (2012), como uma espécie de detetive que vai à cata dos processos de constituição dos objetos (p. 14). A história não é contínua e linear, sendo a linearidade aí um modo de entendimento acerca de seu funcionamento. A genealogia, ao não buscar as origens dos objetos, os investiga em sua emergência, levando em conta, como nos diz Foucault (1979: p. 23), as condições de possibilidade que designam o ponto de seu surgimento. Não há essência nem natureza dos objetos.

Já a cartografia, como sugere Rolnik (2014: p. 23), “é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis”. Trata-se, com isso, adiante, de paisagens de um universo de delinquências que foram possíveis de delinear. Com o corpo transitando em seus encontros com os pensamentos, os seres vivos e as circunstâncias, há uma diretriz desse método, segundo a qual,

sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades do seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago (*Ibid.*, p. 23).

O cartógrafo, ao desenhar paisagens que estão se movimentando, buscando engolir e devolver ao mundo as linguagens que lhe atravessam, vai dando corpo a uma pesquisa que, se, de um lado, parte com alguns objetivos em vista, de outro, encontra-se aberta às mudanças no meio do caminho. Em suas diretrizes, a cartografia pressupõe, para o pesquisador, segundo Passos & Barros (2017), um trabalho que

não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas nem com objetivos previamente estabelecidos [...] a diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados (p. 17).

A partir de Deleuze (1992: p. 154), este esquizotexto se interessa pelas

relações entre as artes, a ciência e filosofia. Não há nenhum privilégio de uma destas disciplinas em relação à outra. Cada uma delas é criadora. O verdadeiro objeto da ciência é criar funções, o verdadeiro objeto da arte é criar agregados sensíveis e o objeto da filosofia, criar conceitos.

Daí a montagem experimental e provisória em curso adiante transitando por gêneros diversos de escrita. Há, metodologicamente, assim, grande importância do acaso. Nos percursos à obtenção de fontes de trabalho, o primeiro ponto de partida se deu em sebos, sobretudo nas cidades de Niterói, Rio de Janeiro e São Paulo. Nesses espaços, interessava todo material que trouxesse escritos da psicologia, psicanálise e psiquiatria em relação à delinquência. De material à mão, fiz uma seleção por títulos e, posteriormente, índices e sumários. Este esquizotexto, assim, é trançado por materiais como referências bibliográficas, tese, dissertação, revista, jornal, literatura, filme, documentário, música, teatro, artigo científico, televisão, rua, site de internet, relato, memória e imaginação.

Em seu modelo clássico e hegemônico, uma tese também apresenta um recorte temporal de antemão, onde se perseguirá materiais concernentes ao respectivo tempo histórico guiando os passos do pesquisador. Aqui, porém, diferentemente, esse propósito não foi importante, o que não quer dizer que não há recorte histórico. Se o material mais antigo encontrado data de 1953 e o último se refere a 2022, o recorte histórico deste trabalho diz respeito, então, aos últimos 69 anos.

Portanto, muito embora o esquizotexto compõe-se de cinco linhas de gêneros narrativos (relatos-ensaios-crônicas-contos-poesias), somente o primeiro volume encontra-se à disposição adiante. Nestes relatos encontram-se interlocuções com usuários de Conselhos Tutelares na cidade do Rio de Janeiro. Da sala de atendimentos, se trata, mesmo, de socializar breves passagens de uma escuta psi, cujos discursos ilustram, com

clareza amarga, como arrebentam as forças da violência no dia-a-dia, quer seja com as populações mais pobres como na classe média.

Para que o leitor possa vislumbrar melhor o restante da composição do esquizotexto, e, que, não se encontra no presente artigo, entenda-se o seguinte. No segundo composto de linhas, encontramos ensaios teóricos. Intitulados por “Sentinelas da Norma: Escrita psi sobre delinquência e produção de subjetividades”, dividem-se em duas vias, problematizando tanto a escrita psi (psiquiatria, psicologia e psicanálise) sobre delinquência como a própria dimensão política da escrita como instrumento de governo da vida. A terceira linha deste novelo, de sua vez, compõe-se por crônicas. Denominadas por “Terra Brasilis”, tomam o cotidiano em seu calor e tensão como matéria-prima para pensarmos certas formas de violências que acometem a realidade brasileira. No quarto novelo de escritos, há uma experimentação literária acerca do tema. Intituladas por “Céu Vermelho: Contos de Delinquência”, temos a memória e a imaginação como instrumentos estratégicos para produzir uma ficção orientada aos embates que se quer na problematização geral da delinquência. E, por último, no quinto conjunto de escritos, encontramos as “Delinquempoétikas”, tratando-se de uma experimentação em forma de poesias sobre delinquência.

RELATOS TUTELARES

UM CADERNO ENTRE VIOLÊNCIAS E SONHOS

Parte I

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos profissionais dos Conselhos Tutelares da cidade do Rio de Janeiro, na Rocinha e Tijuca, na figura dos motoristas, das faxineiras, dos técnicos de informática, das recepcionistas, da coordenadora geral, dos conselheiros tutelares, assistentes sociais e psicólogas com quem trabalhei. E, dedico estes relatos, sobretudo, à infância e adolescência que é, cotidianamente, no Brasil e no mundo, tanto em favelas como em casas de alto padrão, ameaçada, agredida verbal e fisicamente, mal educada nas escolas, humilhada nas ruas, comercializada, medicalizada vulgarmente, internada e abrigada à força, estuprada, explorada e morta pelo tráfico e pelas polícias e que, ainda assim, com tudo isso que os adultos lhe fazem, elas continuarão sonhando.

NO MEIO DO CAMINHO HAVIA UM CONSELHO: REFLEXÕES DA TUTELA

Que pode a psicologia no Conselho Tutelar? Os apontamentos que se seguem devem-se às experiências, entre o início de 2014 e meados de 2018, nos Conselhos Tutelares em São Conrado/Rocinha e Tijuca, ambos na cidade do Rio de Janeiro.

A função da instituição do Conselho Tutelar é zelar pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Emergido em 1990, esse estatuto é uma particular constituição destinada a defender e controlar a vida de crianças, adolescentes e seus familiares. Quando e onde seus direitos e deveres preconizados não são cumpridos, em vista de ser a infância prevista como prioridade absoluta, sendo dever de todos zelarem por ela, o Conselho Tutelar pode se fazer presente. Deste modo, no CT atende-se a muitas crianças e adolescentes que lá chegam por meio do tema da delinquência. E, ainda que o certo e o errado promovam os encontros entre usuários do CT, técnicos e conselheiros tutelares, o conteúdo das interlocuções dizem respeito, como se poderá observar, à ética mais que à moral.

Há uma particular dificuldade para o psi em um território voltado à temática do que está conforme ou não às leis: a reflexão das problemáticas, no interior dessa instituição, tendendo a partir e se concentrar na individualização do problema, circula a todo tempo entre o certo e o errado. A estratégia dominante deseja normalizar os corpos balizados sempre em parâmetros de obediência e produtividade. E essa demanda não vem somente dos pais e dos conselheiros tutelares, mas também de outros familiares, da polícia, da escola, da comunidade onde residem e de todo o sistema de valores de nossa sociedade.

O CT é uma instituição de entrada a uma variedade de problemas que, a partir de um diagnóstico, distribuem-se os usuários aos serviços de educação, saúde, assistência, ao poder jurídico e ainda a outras formas de encaminhamentos: filhos, pais e avós são encaminhados para psicoterapias; adolescentes são direcionados para oportunidades de jovens aprendizes; a mãe consegue vaga para seus filhos em uma creche ou escola de nível fundamental e médio; famílias que comprovem sua aptidão legal passam a receber benefícios previstos em leis; pais iniciam processo de legalização de suas respectivas

guardas; casos relacionados a violências sexuais são encaminhados compulsoriamente ao ministério público; o pai desempregado, por vezes, consegue a indicação a algum tipo de trabalho próximo à comunidade e, ainda, crianças são encaminhadas para projetos de reforços escolares e que incluem também artes, esportes físicos e especialidades médicas.

Porém, ainda que em tese, o CT sirva a atender toda infância e adolescência em situação de risco, é a infância e adolescência pobres de um modo geral que a instituição absorve para tutelar. Do ponto de vista dos poderes de domínio social, é a pobreza e suas manifestações o grande problema a ser administrado em vista de sua manutenção nas sociedades. O que está em jogo, na emergência dessa instituição, muito precisamente, é uma estratégia de controle social tutelando a pobreza em vista dos perigos apresentados tanto em suas virtualidades como os que são efetivados.

E a psicologia aí tem a difícil tarefa de não simplesmente funcionar como depositário dos afetos negativos que a atravessam. Um dos perigos, é o profissional psi funcionar de modo a abafar o potencial disruptivo dos usuários por meio de uma escuta que sirva somente para proporcionar um ligeiro alívio de suas complexidades existenciais, sendo um técnico gestor das misérias.

Talvez as pessoas que vão ao CT dividir suas questões não tenham noção do quanto de sabedoria ofertam a quem as escuta na medida em que desnudam suas vidas. E o psicólogo, técnico da escuta, após acolher o sofrimento alheio, tem de se haver, muitas vezes, com situações em que lhe é demandado solucionar casos de grande complexidade. Como, por exemplo, potencializar a vida de uma mãe que sustenta a si mesma, a própria mãe e quatro filhos com R\$600,00/mês? Ao psicólogo, lhe ocorre que essa senhora não demandava tanto da psicologia, mas de um trabalho que lhe proporcionasse, minimamente, o necessário à manutenção da vida de sua família.

Muitas vezes, os usuários demandam que se lhes apresentem respostas para sanar seus problemas como num passe de mágica. Esse modo de operar demanda do profissional que ele empregue ações eficientes no menor período de tempo. Porém, esse pragmatismo como demanda, na medida da não oferta de soluções, resulta ao psi uma espécie de sobreimplicação, fazendo-o sentir-se sozinho, isolado e impotente frente a determinadas exigências. Um paradoxo se impõe: é preciso produzir tempo para parar e

refletir precisamente na medida em que cada vez mais os processos produtivos inviabilizam a disponibilidade de tempo para parar e refletir.

No interior do CT, com a necessidade de nos valermos do pensamento como resistência estratégica, já que os controles da vida são cada vez mais sutis e imperceptíveis, um caminho possível empreendido nas atividades consistiu em fazer transitar as problematizações das dimensões do individual/pessoal para o coletivo/político.

O profissional da psicologia no CT exercita uma efêmera clínica de passagem a distintas violências: choros, lamentações, ressentimentos, angústias, descuidos, desrespeitos no trato com o outro, aflições diversas e distintas formas de violência são comuns no dia-a-dia. Daí decorre uma das grandes viabilidades do CT, que é funcionar como um corta-fluxo de violências. Descobrir, supondo tratar-se de relatos verdadeiros obtidos através dos retornos dos usuários, que o pai que batia parou de bater ou que a mãe que violentava com palavras cessou suas agressões, eram entendidos, assim, com toda sua limitação em vista da conjuntura geral dos problemas, como aspectos positivos da intervenção da instituição na vida dos usuários. Observar que não houve piora no quadro diagnosticado dos usuários já era um alento.

Em um dos primeiros atendimentos no CT, encontra-se o psicólogo junto a uma senhora, na Rocinha, em 2014. Quando se dá conta, ele estava com a cadeira de lado e com sensação de angústia. Um pensamento lhe aparece: Tenho de voltar a me sentar de frente a esta senhora, afinal, fiz uma faculdade e me formei psicólogo. A mulher, com olhar penetrante, o encarava e dizia: Você sabe o que é saber que se vai morrer? Eu perdi um pulmão para a tuberculose e, esse outro, que funciona um pouco, está com câncer. Se fosse possível, pensa o psicólogo, teria escolhido não ouvir aquilo.

Por mais amplo alcance que ensejem as teorias acerca das subjetividades, as situações cotidianas, na crueza de suas realidades, impõem limites aparentemente intransponíveis aos profissionais psis. E, ainda que ao agir com vistas à ampliação dessas bordas, com palavras e encaminhamentos, elas dizem respeito às fragilidades de seu campo prático-teórico. Assim, a própria possibilidade de escuta parece se desenhar a partir da relação com isso que limita e, ao mesmo tempo, pode viabilizar a mudança e o desvio. A potência da expressão dos afetos pela linguagem falada é inequívoca. Talvez esteja aí a grande vantagem da psicologia, ao ocupar o lugar de fazer valer essa potência,

vinda de um indivíduo a quem se escuta com vistas a uma vida que se vive com a coragem para afirmar a existência ainda em vista de todos e quaisquer percalços.

Mas, o que pode a psicologia, ao se deparar com uma situação em que a irmã de um dos ex-chefes do tráfico da Rocinha, cuja prisão na praia fora televisionada a todo país, leva dois filhos ao CT e, aos prantos e cheia de medo e angústia, pergunta o que deveria fazer com suas crianças para que elas não seguissem os caminhos do tio, visto pelos sobrinhos como herói? A mãe contara que a filha deixara de falar e que o irmão da menina passara a revoltar-se, dizendo que iria entrar para o tráfico também.

Os contentamentos do psi em um CT não se encontram somente em poder rarefazer o sofrimento daquele corpo com o qual se encontra, pois ele sabe que esse efeito é rápido, passageiro, e, muitas vezes, insuficiente como prática de resolução de problemas. Mas, ao agir de modo a ampliar a consciência de seu interlocutor quanto a si próprio no mundo, no que toca às forças que lhe constituem como sujeito, há um prazer em poder alterar, minimamente, a disposição do corpo daquele com quem se encontra.

Ao psicólogo lhe cabe empreender uma escuta com atenção à dor alheia, socializando o que de melhor aprendeu na universidade na busca pela emancipação da vida. Prática e teoricamente, ao problematizar sem moralizar modos de vida expostos à minha avaliação, meu objetivo fora criar novas paisagens, onde a palavra, utilizada como escudo e flecha, pudesse funcionar como sopros de ventos de fortalecimento subjetivo. A possibilidade de produzir subjetividades guerrilheiras no encontro também fora meu propósito político e pessoal. Assim, tratei de buscar a reflexão acerca dos vetores constitutivos dos modos de sentir, pensar e agir no mundo, procurando ensejar a autonomia do próprio sujeito na confecção de si.

No território onde se encontra a psicologia posicionada, em sua fronteira trincheira ética, o desafio está em transitar e operar entre as forças ativas e reativas implicadas na constituição dos sujeitos. Em meio às pelejas, trata-se de mover-se andariando entre essas forças, mas de um modo que não interessam os antecedentes da história do indivíduo para culpabilizá-lo, fazendo, assim, o passado emergir a ser utilizado para um futuro diferente. Ao não atribuir culpa ao indivíduo nos encontros, interessava-me agir no sentido de possibilitar a produção da alegria e leveza em meio às tristezas e o

peso das gravidades. Nem punir, nem castigar ou atribuir culpa, mas escutar e potencializar.

No interior do CT, talvez a situação-problema mais dramática que a atravessa, seja a possibilidade de os conselheiros tutelares enviarem ao poder judiciário parecer favorável à retirada da guarda dos responsáveis de suas crianças e adolescentes. Nos fluxos da instituição, o conselheiro recebe o caso e, quando entende necessário, requer a contribuição de assistentes sociais e psicólogos, em uma dinâmica em que os casos mais graves seguem sendo debatidos por toda equipe. Os conselheiros tutelares são eleitos em sistema de voto facultativo, escolhidos de um modo geral dentro da comunidade e região onde residem. A possibilidade de serem responsabilizados pela forma como administram os casos, não só produz como reforça uma subjetividade de imprescindível prevenção a inúmeros males às crianças e adolescentes. Assim, com o receio de que algo iminentemente terrível aconteça, os conselheiros decidem por encaminhar a retirada do poder de guarda dos responsáveis sobre suas crianças, em um fluxo onde o Estado encaminha crianças e adolescentes a abrigos e famílias substitutas.

No CT da Rocinha, um conselheiro solicitara a retirada da guarda de uma criança recém-nascida. Em atendimento, constatara-se que os pais estavam desempregados e que a mãe era usuária de *crack*, não havendo, ainda, familiares próximos que pudessem cuidar do recém-nascido. O caso ganhara as mídias televisivas locais da cidade, aumentando a repercussão e pressão sobre o caso. Poucos dias após a retirada da guarda, sem que se pudesse antever, o pai aparece de surpresa no CT. Esse pai da criança que o Estado retirara, abria as portas das salas e percorria a instituição afoito com seus olhos injetados de um vermelho odioso à procura do conselheiro. Mas, como o conselheiro, justamente, nesse dia, não estava, sem encontrá-lo, foi-se embora. Depois do ocorrido, um policial, com um fuzil apostos, passou a trabalhar na entrada da porta do CT.

No campo da *expertise* psi, a técnica de estudar um caso e registrá-lo não é inofensiva. Com essas histórias oficiais produzidas que serão conservadas, a partir do CT, deixa-se à posteridade, sobretudo, o trágico das vidas. Em vista de que certos modos de existir alvos de exame e análise, ao ganhar visibilidade, compõem um arquivo de desaventuras individuais e familiares, considero importante a reflexão acerca do que é escrito sobre os indivíduos nas instituições. No caso do CT, com a escrita que se dá no seu interior, ela engendra ao mundo identidades de agressores e vítimas, onde, junto ao

acolhimento das problemáticas, se detalham pormenorizadamente suas ações. O papel é instrumento privilegiado do exame realizado pelo poder disciplinar. Ele é a materialidade de uma prática que conformará um arquivo dos olhares do que e como se põe a relatar.

No caso dos relatos adiante, não se trata de um documento oficial, mas de um registro particular, organizado a funcionar como um arquivo de rápido alcance à necessidade de rememorar parcialmente as histórias, em vista da possibilidade de um segundo e demais atendimentos ou encaminhamentos. Como a transcrição seca segue quase exclusivamente à risca as mesmas palavras utilizadas pelos usuários do CT, desse modo, conta, inevitavelmente, com uma mínima interferência do acréscimo de palavras para imprimir coesão narrativa a esses relatos da tutela. Em meio a esse enredo de (dis) tensões tutelares, socializam-se fragmentos de uma incipiente escuta psi, transcrita de fios narrativos na própria incompletude que tecem a trama de suas vidas. (Des) assistidas pelo Estado, essas existências deságuam desafogando no corpo da psicologia, posta a contribuir com seu saber. Embora sem a repetição da cena do choro, são histórias umedecidas em suas rememorações em que, de modo recorrente, lágrimas irromperam na esquina do olho e alcançaram a boca aliviando a gravidade da vida.

Mas nesse banquete de palavras de difícil digestão, não há somente dor, aflição, angústia, medo, ressentimento, remorso e desejo de punir e se vingar. Há também uma disposição à mudança nas atitudes do corpo que aceita refletir. Existe, de fato, uma modificação no indivíduo responsável que põe em suspenso o expediente da violência física como pedagogia corretiva ao filho. Percebe-se, ainda, a demonstração da força do esquecimento do corpo que aposta em seguir sem o peso do desagravo contado há pouco. Encontra-se até mesmo a leveza, ecoada, sobretudo, dos corpos da denominada fase da infância, por onde emergem sonhos e também a suavidade de ser e estar distraído no mundo. E se, de um lado, em seu conjunto, tais relatos configuram-se como verdadeiros cadernos de violências, de outro, também, mostram a beleza e a potência da ternura.

Um adolescente pego em flagrante é levado ao CT. Roubara uma corrente de ouro do pescoço de uma transeunte no bairro da Tijuca, conta o policial militar. Nesse caso específico, lembra-se o psicólogo que já havia problematizado em diálogos, leituras e reflexões, o já citado tema da individualização do problema. No entanto, na ocasião dessa situação-problema, seu prévio entendimento não inviabilizou essa trajetória de problematização. E, assim, profere a pergunta: Por que você roubou o cordão daquela

senhora? Senti-me como quem caía pela segunda vez no mesmo buraco. Em sua resposta, com olhar fugidio, dissera e repetira duas vezes não saber quem era seu pai.

É prática comum se perguntar ao psicólogo os motivos pelos quais, crianças, adolescentes e adultos agem como agem. Muito embora se possa pensar, com esse caso, que o adolescente tenha roubado uma senhora por ódio ou revolta de não saber quem é seu pai, há um grande perigo aqui: ao focar e empreender a análise na ação do adolescente, mascara-se de modo reducionista, um problema que é político, à ação individual. Quanto ao psicólogo, ele tem de se haver com essa indagação que não para de lhe rondar, afinal, ele é entendido como o especialista que ocupa precisamente esse lugar de poder dizer os porquês sobre condutas alheias.

Em seu dia-a-dia, o adolescente tem acesso, senão pela internet, em toda caso pela televisão, à triste festa dos assaltos aos cofres públicos da nação, muitos deles realizados por políticos. O contato com essas delinqüências de determinados indivíduos e grupos privilegiados no campo social, funcionam como o maior exemplo incentivador às criminalidades da população, sendo a impunidade da delinqüência de colarinho branco um combustível às delinqüências da pobreza.

E, ainda que a análise da resposta do adolescente sugira o entendimento de que ele cometera o roubo devido à ausência de sua figura paterna, sua resposta diz respeito à aflição que o acometia nesses instantes em que uma instituição lhe pesa leis e regras. Pela lógica do exame, que inverte a economia do poder, sua resposta impõe o apagamento a essas vidas desguarnecidas em suas possibilidades mínimas. Assim, desapareceria, com sua resposta analisada de modo isolado em um psicologismo, toda uma gama de processos e dinâmicas sociais complexos que produziram essa realidade. A própria desigualdade econômica das populações, muito embora seja efeito de como o desejo investe o poder econômico, cuja realidade permanece a olhos nus, como problema não dirimido pelo Estado, é uma das maiores violências produzidas e suportadas pelo ser humano, em especial, no Brasil.

O poder vai e vem. Governar a si, aos filhos e à família, a cidade e/ou o país, é apenas a direção oposta do poder que governa o país, a cidade, a família, os filhos e/ou a si mesmo. Em suas funções no CT, o psicólogo lida com um paradoxo junto à obediência, cujo problema transita entre o indivíduo, a família e a sociedade: em um atendimento, desentendimentos entre o pai e o filho que, em sua avaliação, não o obedecia a contento.

No momento dessa conversa o filho não estava presente. Entre outros assuntos, o pai e o psicólogo abordam os problemas políticos no país. Ambos concordam que há muitos, um deles, em especial, a passividade do cidadão brasileiro. Frente a algumas decisões políticas que se podem caracterizar como intoleráveis, as populações, em sua maioria esmagadora, entendem os interlocutores, se mantêm aparentemente inertes frente às forças que depauperam ainda mais suas vidas. Naquela conversa, com a clareza do entendimento de que só as palavras não dão conta de mudar a realidade das desigualdades, evidencia-se a importância de os brasileiros irem mais às ruas manifestarem seus descontentamentos.

Em suas palavras, o pai está de acordo que é preciso não obedecer aos políticos sempre e sempre nas leis que eles criam e imputam aos cidadãos. Ao final dessa conversa, permanece um difícil equilíbrio: o mesmo pai que leva seu filho para que ele seja mais obediente, no interior de seu lar privado, também entende que a obediência política, no espaço público, é justamente o que mantém o domínio das forças de Estado e do capital sobre a vida de todos. É uma dissimetria entre posicionamentos do corpo frente a problemas diferentes, em que obediência e desobediência, alternam-se entre sentidas como viáveis e indesejáveis em vista dos interesses em jogo.

Nos relatos adiante, portanto, trata-se de um raio-x da tempestade de arranjos de poder que atravessam a psicologia no CT. São reminiscências de histórias cruas. Em meio a ver, escutar e falar, elas foram transcritas rapidamente nos atendimentos ou no próximo tempo disponível. Nesses encontros, as palavras voaram, em sua maioria, na exígua sala da psicologia. Na Tijuca, a porta sem fechadura era encostada por uma cadeira para crianças, em cuja repartição política dos espaços, a sala dividia espaço com uma brinquedoteca. Embalada por grande calor de um teto sem laje de concreto, em conjugação à sonoridade das hélices de um ventilador disputando com a altura do volume da fala, transita-se em um jogo de perguntas e respostas entre conselheiros tutelares, técnicos psicólogos, assistentes sociais e usuários do CT:

Em dezembro de 2014, vem ao CT o adolescente Marcos, de quatorze anos, acompanhado de sua mãe, Petra. Das queixas de não frequentar a escola, ele entendeu a necessidade dos estudos. Ele se diz bastante ansioso, chegou a roer unhas. A mãe conta que desde a morte do avô, ele desenvolveu alopecia vitiligo e não tem tido controle do sistema urinário. Segundo ela, ele não gosta muito de falar a respeito, sente-se

envergonhado. Ao comparar o vínculo com seu o filho em relação às relações de outras mães com seus rebentos, reclama não dispor de controle total sobre o menino. Ela sente falta de que sua relação com ele melhore. Seu desejo é que o filho mude, entretanto, não cogitou mudança em si. Marcos gosta de desenhar. Ele foi encaminhado ao TEAR, um instituto, em Vila Isabel, que oferece cursos artísticos, técnicos, esportivos, aulas marciais e de reforço escolar. Ambos foram encaminhados ao psicólogo.

*

Renato relata preocupação com filho Artur, de seis anos. Ele tem dúvidas de que o menino talvez tenha sofrido abusos sexuais. Ele conta que, em certa ocasião, seu filho disse que o pênis do vizinho era cabeludo. Sua apreensão aumentou quando dividiu essa história com Suelen, sua ex-esposa. Segundo ele, ela teria dito que o jovem vizinho de quem suspeita, em conjunto a outro irmão, estariam abusando sexualmente da irmã deles, de seis anos. Renato conta que seu desassossego se deve ainda à observação de que Artur tem apresentado nervosismo, há aproximadamente um mês. O filho será levado ao pediatra, informa o pai.

*

Em conversa com Bianca, Rodrigo e D. Clara, mãe deste rapaz, soube-se que Bianca, aos treze anos, engravidara de Rodrigo, que dizia ter quinze, à época. Durante a gravidez, a mãe da menina, Samantha, o convidou para morarem todos em sua casa. Após o nascimento do filho de Bianca, Rodrigo foi expulso de lá. D. Clara narra que Bianca saiu também da casa de sua mãe devido a maus tratos e, agora, vivem sob seus cuidados. Bianca toma a palavra e expressa desejo de conviver com seu companheiro nessa casa onde está. Porém, aos olhos da lei, explica-se a ela, ela tem de permanecer junto à sua mãe de sangue, a menos que se consigam outras determinações judiciais. D. Clara disse que iniciará os procedimentos necessários à obtenção da guarda de Bianca. Por ora, a menina voltou à casa de Samantha. O conselheiro buscou uma maternidade para o filho de Bianca. Samantha será chamada ao CT.

*

Danilo, de quatorze anos, furtou chocolate e mais cinco reais de uma colega. Nos dias seguintes, ameaçou de morte o ex-colega que o denunciara. Sem perder tempo, o x-9 saiu da escola em proteção própria. Criado pela avó, o tio morrera no morro, mas não se soube exatamente o que acontecera. O pai foi morto pela polícia. D. Cândida, mãe de Danilo e

mais sete, responde processo por abandono de incapaz. Danilo já havia sido preso por furto. Em sua morada, ratos e baratas fazem-lhe companhia, diz o garoto. Certa vez, roubara o pai, confessa. Em seu entendimento, o diazepam o mantém controlado. Danilo transita pela casa da mãe e da avó. Depois de sua saída, elas entram na sala. Ambas disseram que certa vez ele ateou fogo e depois água no irmão mais novo, o que lhe custou ficar preso cinco anos no Degase. A mãe, com essa história toda, dizia não conseguir olhar para o filho.

*

Era a terceira vez que Carol vinha ao CT. Dia desses tomara três comprimidos tarja preta. Quisera se matar, disse. Ela gosta de um garoto de vinte e três anos. A mãe, ao descobrir, tomou-lhe o celular. Agora ela irá estudar em outra escola. A ideia não lhe apetece muito. Gostaria de sair com as amigas.

*

A adolescente Fernanda tinha treze anos na época. O namorado era maior de idade e enganara a família. O tempo passou e agora ela já está com quinze. A mãe, Joaquina, dorme à base de álcool. A responsável pela adolescente conta ainda que a filha usa também Ritalina. Fernanda, ao descrever sua história, diz que não contara à mãe, sobre o namorado, por medo. A mãe a culpa, dizendo que ela a traiu.

*

As duas irmãs, Érica e Joana, de quatorze e quinze anos, moram com a mãe, Cássia, que começou a namorar outra mulher. Vivem todos juntos. Após uma discussão, conta Érica, em que chegaram as vias de fato, as meninas foram ficar com Ronaldo, o pai. Ele mora no bairro de Santa Teresa, com sua companheira, madrasta das meninas. A mãe e o pai já foram presos, relata a jovem, que prossegue contando ser a mãe macumbeira. Érica está na sétima série e não faz nada para se divertir. Diz querer ser médica ou advogada. Ela, que chora quase todo dia, deseja que sua mãe e sua namorada aluguem outra casa para elas viverem longe da madrasta. Em seu entendimento, seria interessante ser acompanhada por um psicólogo. A única pessoa em quem pode confiar, diz Érica, é uma vizinha.

*

A partir do disque 100, número disponibilizado a denúncias de violações de direitos humanos, duas mulheres denunciadas tecem suas histórias. Carol e Ofélia são a mãe e avó de Lucas, menino de um ano, cujo choro persistente, segundo elas, provavelmente foi

o que fez alguém acusá-las. Moram perto do shopping. Disseram que o filho chora muito, mas Carol não sabe por que. A mãe, que trabalhava com educação infantil, saía do emprego para cuidar dele. Elas acreditam que essa história de denúncia foi intriga de vizinhos. Certa vez, narram elas, uma vizinha fora invasiva ao ponto de querer entrar em sua casa para saber se seu filho estava ok, devido aos choros de Lucas. Carol se colocou à disposição para receber visitas a qualquer momento.

*

Renan e o pai Rogério, vivem em desentendimento, relata Daniela, a mãe, separada do pai do menino. Renan está com as notas regulares, mas diz que se sente estressado com a pressão por rendimento de si próprio e de seus pais. O pai, certa vez, prossegue o jovem, ligou para o celular de sua namorada e o ameaçou de lhe dar porrada. Noutra ocasião, Rogério, em uma discussão, pusera as mãos em seu peito. Renan não gostou. O pai tem cinquenta e três anos e o filho afirma sentir vergonha da ação dele. Renan afirma ser xingado pelo pai e que não são de bate papo.

*

O filho expressa já estar acostumado ao jeito do pai, que lhe batia por coisa boba. O jovem estuda de manhã, faz informática duas vezes por semana, sai com os amigos para se divertir, fica no computador e gosta de andar de bicicleta. Renan também diz xingar a mãe gratuitamente e reclama dos maus tratos dela. Daniela acusa o filho de dizendo ser ele o causador da doença do pai e ainda reclama que ele usa maconha.

*

Vânia tem dez anos e está na quinta série. Gosta de educação física e de arte. Conta que brinca com o irmão para se divertir. Também lhe apetece desenhar. Mora no morro dos macacos, em Vila Isabel. Tem dois irmãos. Acha que o psicólogo é a pessoa que fica fazendo perguntas para as pessoas dizerem o que sentem.

*

Giovana conta que Amílton, o padrasto, bate nela. Ela tem dezesseis anos. A mãe, Nalva, não a defende, diz a menina, ressaltando que Cleber, o pai, nunca a agrediu. O padrasto diz que ela não faz nada, conta ela. Chega a apontar o dedo na cara dela e tudo. Em separado, a mãe afirma que a jovem quer estragar seu casamento. A filha, noutro momento, afirma não gostar do padrasto. Ela ressalta que gosta muito da mãe, ainda que ela sempre dê a razão a ele. Ela gostaria de ir pra São Paulo, na casa da irmã, que mora na Cachoeirinha. Giovana entende não gostar de arrumar confusão. E ela também não

gosta de voltar para a casa da mãe, que sempre acha que o marido está certo e que precisa dele para cuidar das crianças. Apesar de não a defender, a mãe a trata bem, diz ela.

*

Breno, o pai, diz que não bate mais em Ariane, sua filha. Em conversa separada, entretanto, ela confirma a denúncia de que seu irmão e pai batem nela e que eles são muito agressivos com seu irmão. Ela gostaria que o pai fosse à sua escola. Depois, relata que gostaria também que ele fosse mais próximo. Ariane fala que vai fazer esporte no seu tempo livre. Ela também queria ir morar com sua irmã, em Brasília. Em seu entendimento, a criação de sua irmã é mais interessante. Ela diz que gostaria que o pai bebesse menos e, ato contínuo, reitera o desejo de que ele fosse mais presente. Sua alimentação é péssima, avalia.

*

Carlos tem agredido Esmeralda, sua bisavó, quem narra a história. Isso passou a acontecer depois que Antônio, o bisavô, faleceu, há mais ou menos três anos. Ela conta ainda que cria o menino há oito anos. A rejeição do pai, segundo ela, fez Carlos perguntar à mãe por que ele fora dado para ser criado pela bisavó paterna. Prosseguindo seu relato, a bisavó diz que Carlos se sente de castigo quando vai para a casa da mãe. Ele estuda de manhã. Fez natação, cursa inglês, de segunda e quarta e capoeira na terça e quinta-feira. É um ótimo aluno, conta orgulhosa, D. Esmeralda. O menino está em psicoterapia há um ano. Ele gostava de dormir agarrado ao bisavô. Quanto às agressões, outro dia, ao pedir ao menino para que abaixasse o volume da televisão, ele a teria agredido. Segundo ela, o comportamento de Carlos tem mudado também desde que a madrinha se mudara para morar com eles na casa dela. De castigo, tiraram o jogo e o futebol dele. Carlos diz que a vida é muito puxada. De sua parte, trocaria o inglês pelo futebol. Ele não sabe se quer continuar com a bisavó, e nem responde se gosta dela. Perguntado sobre sua mãe, pensou... e respondeu que mais ou menos. Gosta às vezes da madrinha.

*

William, adolescente, tem se cortado desde 2013 e estamos em 2015. Diz ser porque sua família não o respeita. Em seu entendimento, o pai não lhe dá boa educação. Gostaria de ir para Brasília, com sua irmã. Quando passa a gilete em si mesmo, diz que pretende aliviar a dor física. Morava em Vila Isabel. Pretende fazer medicina, mas fala que o pai o desestimula. William conta que os pais o chamam de veado.

*

Mirna estuda a sexta série e tem onze anos. Em sua queixa, os colegas de classe a chamam pelo nome do pai. A diretora da escola, diz ela, não resolve o problema. Esses mesmos colegas de sala brigam com ela e a agridem. Em sua casa, relata, sente raiva da Juliana, sua irmã de sete anos e, com isso, agride a mais nova. Mas diz não saber por que agride fisicamente a caçula. Ela conta que a mãe a coloca de castigo quando bate na irmã mais nova. Gostou de fazer psicoterapia e quer voltar. Mirna gosta de brincar de amarelinha e mora na Chácara, na Tijuca. Não toma remédios.

*

Uma mãe queixava-se aflita de que sua filha mentia muito. Isso parecia deixá-la muito preocupada. A filha era uma adolescente. Ao final do atendimento, ela foi encaminhada ao teatro.

*

Paula, adolescente, nega o consumo de bebida alcoólica. Quanto ao comportamento arredio, diz nunca haver sido muito próxima dos familiares. Chegou a ter síndrome do pânico após dois assaltos e ficara seis meses sem sair de casa, mas, após falecer o homem que a assaltara, agora, sai mais tranquilamente. Segundo narra a jovem, Anastácia, sua avó, foi até o Juizado de Menores só porque o condomínio reclama de suas saídas à noite. Paula admite ter trocado a interação social pela virtual. Ela entende que Ricardo, seu pai, cismou que ela estava usando drogas. O pai, conta ela, diz que ela é burra e que ela deveria ser como Adriano, o irmão, que é um gênio, pois ele estuda muito. Para se divertir, gosta de jogar no computador, de *rocki n' roll*, de ler e de RAP. Tem uma roda de RAP em Vila Isabel, diz ela. Paula tem tido insônia, mas isso não a incomoda tanto. Maria, sua mãe, ficara internada várias vezes. Paula reclama dos pedidos do Conselheiro Tutelar que, segundo ela, eram muitos. Ele lhe teria pedido para que voltasse a frequentar o TEAR, teria também pedido para deixar de sair à noite, parar de fumar, frequentar a escola e arrumar um emprego. Ela relata não conseguir frequentar cursos e não sente que seu convívio social esteja sendo prejudicado devido seu modo de existir. Enquanto fazia o que os outros queriam, diz, estava infeliz. Paula relata desmotivar-se com facilidade após o início dos cursos e avalia que a escola é um lugar chato, é uma selva onde as pessoas lutam para tirar a melhor nota. Trocou de colégio sete vezes. Ela entende que desenhar fortalece sua vida. Gosta de conversar com pessoas com problemas, lhe apetece falar sobre natureza, e gosta ainda de viajar, fazer colagens e pulseiras. Quer fazer designer

gráfico e aula de robótica, além de também querer jogar bola. Paula está preocupada com as ameaças de poder ir parar no Abrigo Judiciário.

*

Eram seis irmãos. Vieram para o Rio de Janeiro em fevereiro de 2015. Carolina, de treze anos, treina *muay thai*. Mora no Morro dos Macacos, em Vila Isabel. Fez a quinta série ano passado e havia passado para o sexto ano. Quer estudar para ajudar a família. Carolina diz que as coisas então meio difíceis, porque sente saudade da mãe. Passou a noite anterior sem dormir devido ao tiroteio. Ela conta que sente falta dos amigos e da família também. Contudo, quer ficar por aqui, afirma. A tia a trata muito bem, avalia. Ela gostaria mesmo é de estudar de manhã, junto com primo, na escola Madri. Morava em Fortaleza.

*

Em visita domiciliar, se soubera, João era pai de quatro filhos: seis, cinco, três e um ano. Todos estavam fora de instituições. Não há vaga na creche, informou João. Ele é ex-morador em sua situação de rua. Diz que melhorou sua vida e agora mora na Comunidade dos Macacos. Ao ser informado que disseram ser ele usuário de drogas, imediatamente se dispusera a tirar sangue para provar que não usava nada. Não possui qualquer documentação. Em suas palavras, reiterou gostar muito de seus filhos. Disse precisar de ajuda e comprometeu-se a buscar o CT para auxiliá-lo.

*

Gisele é moradora do Andaraí. Diz não conseguir sair de casa, pois o pessoal a olharia na rua de cara feia. Ela tem uma filha de doze anos e sente vergonha das pessoas fora de casa. Essa situação de não sair às ruas acontece há mais ou menos uns quinze dias. Gisele relata que tem tomado sete banhos por dia, há aproximadamente um mês. Ela conta também que tem um cheiro forte de esgoto na sua casa há meses, desde que instalaram ar condicionado. Vive nessa casa há oito anos. Sua filha está na quinta série. Em suas palavras, vive chorando devido a essa situação. Ela lava a casa todo dia e tem usado sabão em pó para assear-se. Não está comendo direito e nem trabalhando. Diz ser chamada de fedorenta de esgoto. Gisele relata sentir-se fragilizada.

*

Drica diz que sua mãe, Marina, lhe maltrata psicológica e fisicamente. A mãe lhe batia sem motivos, diz, e ainda não lhe fazia comida. A adolescente veio devido aos maus tratos, expressa. Segundo ela, sua mãe faz questão de lhe dizer que se arrependera de tê-la tido. Como não bastasse, reprova sua escolha sexual, dizendo não ser correta. Drica sente-se

pressionada porque estuda demais. O pai, Adolfo, taxista, lhe dá dinheiro todo dia. Após vir a primeira vez ao CT, relata, sua mãe cessou as agressões físicas. Os pais vivem juntos, mas não tem relação, informa a mãe, separadamente. Desataram a união há um ano. A menina gostaria que os pais se separassem pra ela poder ficar com seu pai. A mãe já havia sido encaminhada ao psiquiatra, mas não fora nenhuma vez. Drica diz sentir medo de algo pior.

*

A mãe, Cássia, queixa-se que o filho de dezessete, Fábio, está sem limites. Ela tem outros dois, um de dezesseis e um de quinze, Carlos. Ela diz que está separada do ex-marido. Segundo ela, o filho mais velho teria descoberto algo de seu passado e estaria então muito mal com isso tudo. Ela relata que disse a Fábio que estava com ódio dele. Para ela, o jovem está rebelde há uns três anos. Mas a situação piorou há cinco meses, o que coincide com a data em que Fábio viu seu namorado, Denis, lhe agredir. Cássia, que diz viver de bicos e põe os filhos maiores a cuidar dos menores, narra que viveu dezessete anos com o ex-marido. Ele se chama Clovis, e a estuprava e a espancava, diz ela. Cássia reclama que Fábio, o mais velho, tenta passar por cima de sua autoridade. Os três filhos estão estudando. Cássia desaprova que o filho mais velho aja como se quisesse educar o filho menor.

*

Raí estuda na sétima série e conta quatorze anos. Parou de matar aula, mas afirma não gostar de estudar. Seu sonho é ser jogador de futebol. Diz ser tratado com muito carinho. Não sabe por que veio ao CT. Faz reforço escolar e joga bola. Entende que o conhecimento ajuda a ser alguém no futuro. Raí freqüentou por quatro meses o psicólogo e parou há três meses. Parou de aprontar, diz, depois de conversar com a outra psicóloga do CT. Em seu entendimento, esse profissional serve para orientar as pessoas, e só parou de freqüentar o psicólogo depois que trocaram o profissional. Gostaria de voltar a fazer natação. Mora em Vila Isabel.

*

Eram três filhos. Segundo os pais, a situação está bem melhor tanto na escola como em casa. A menina, Isabela, a que daria mais problemas, está em psicoterapia há seis meses. Não toma remédios. A melhora deles está cem por cento, dizem os pais, pois agora a menina realiza várias atividades dentro e fora de casa. Já a menina, relata que as coisas não estão muito bem na escola. Segundo ela, seus coleguinhas a chamam de piolhenta. Ela deseja ser médica do conselho tutelar. Em casa, fala que as coisas estão bem. Isabela

gosta da psicóloga com quem tem se encontrado porque pode conversar com ela. Afirma ser mais ou menos comportada em casa. Gosta de ler e disse que não apanha nem fica de castigo.

*

Antônio, o pai, diz que Júnior, com treze anos, faltava muito à escola e fazia bagunça. Mas o problema, diz o menino, foi que os colegas de turma implicavam com ele. Nisso, ao revidar e bater nos colegas, o professor lhe enviara à diretoria. O professor não acreditava nele, queixou-se. Com isso tudo, quer mudar de escola. Quer ser alguém na vida, diz. Pensa em ser jogador de futebol ou trabalhar no exército, para fazer a segurança de várias pessoas famosas. Mora com a avó e o tio. Após brigar com o padrasto, foi morar com ela, com quem prefere viver. O menino conta que a mãe o xinga e o agride fisicamente. Tinha preguiça de voltar para casa, por isso ficava até tarde na rua. Gosta de jogar bola e de ficar na *lun house*.

*

Rafaela, a mãe, relata que Gerson, seu filho, tomou neoleptil em 2013. Ao continuar a dormir na escola, mudaram o remédio. Depois começou com a carbamazepina e a risperidona. Tomou esses últimos por dois anos. Como castigo pelas bagunças, a mãe coloca o filho para copiar a bíblia. O menino informa que as coisas estão mais ou menos na escola e diz que os colegas implicam muito com ele. Gerson fala que gosta de fazer algumas travessuras, de leve. Ele acha ruim tomar medicamento toda hora e não quer voltar a tomá-los. Gosta de ler e torce para o Flamengo e o Barcelona. Não gosta que os amigos impliquem com ele na escola, diz novamente, e nem de ficar copiando um monte de lição que a professora passa. Os pais lhe dão bronca de vez em quando, mas também gosta deles, principalmente, quando lhe deixam brincar com o que gosta. Sabia que eu era psicólogo e acha que esse profissional conversa com a criança para saber como é o comportamento dela. Acha triste estarem preocupados com ele. Geralmente o CT pega a criança ou o pai, diz. Gerson acha que o problema pode ser resolvido com conversa. Ele estuda das sete da manhã ao meio-dia. Gostaria de fazer natação, jiu-jitso, tocar música na guitarra e fazer curso de informática. Gostaria também de conversar com uma psicóloga. Acha que o mais legal da psicóloga foi ela dizer que ele tem de se comportar na escola. Gerson quer estudar para ser piloto de avião e mecânico de carro e de avião.

*

Jurandir estuda na Escola Francisco Campos e está na quinta série. Falta muito à escola, pois prefere jogar bola. O que acha de legal na escola são os amigos, os professores e as matérias. Mas não gosta na escola do fato de não poder ficar brincando muito. Se pudesse mudar algo na escola, acha que tem de consertar a janela, arrumar as cadeiras, as paredes rabiscadas, o ventilador e as luzes. Jurandir entende ser importante a educação para sabermos falar com os outros sem ser gritando. Ele estuda artes. Acorda às onze e meia, toma banho e vai para a escola, até as cinco e meia da tarde. Depois, vai para a casa da avó e fica jogando bola. Está há dois meses conversando com uma psicóloga. Diz gostar dela porque ela conversa com ele sobre coisas que ele faz. Jurandir fala que vai voltar à escola. Gostaria de estar com a família e de brincar com seus amigos.

*

Mauro parou na Aceleração, quinta e sexta série, na escola Lourenço Filho. Mora no Borel. Ele conta que a partir de problemas em sala de aula, foi suspenso e, com isso, só poderia entrar com seu pai, Álvaro. Mas como o pai decidiu não comparecer, devido ao excesso de faltas, o menino foi eliminado da turma. Mauro relata querer voltar à escola. Reclamou de uma professora que o fazia ficar quieto. Está agora com quinze anos e o irmão morreu pela polícia, conta o menino. Tem vivido na casa de um amigo, maior de idade, junto ainda com a irmã deste, de dezessete, com sua filha e, com uma prima, de dezoito. O pai, pedreiro, não o aceita fora da escola. A mãe, Marinalva, que o trouxe, não reside com o pai. Mauro se queixa que a polícia, certa vez, o agredira, gratuitamente, lá no Borel. O pai não sabe onde ele está. Está namorando e gostaria de voltar à escola e treinar futebol.

*

Hernani não quer estudar. Diz que Laura, sua mãe, lhe dá os restos de comida e o melhor a seu irmão mais velho, Rogério. E assim como o irmão não vai à escola, também não quer ir, diz ele, em sua justificativa. O jovem relata que sua mãe lhe ameaça e bate em seu rosto. A mãe confessou bater no filho. Segundo ele, a diretora da escola o maltrata e ninguém faz nada. Chorou bastante. Em suas palavras, manifestou desejo de que sua mãe abandonasse o lar para que ele pudesse ficar somente com seu pai, Otávio, já que este lhe daria trabalho e o respeitaria. Combinamos que ele voltará às aulas e que sua mãe deixará em suspenso o expediente das agressões físicas e ameaças. Separadamente, Laura relata ser ela quem sustenta o lar, pois seu esposo não trabalha. Ela queixou-se de que seu companheiro lhe bate na frente dos filhos. Ficou acordado chamar o pai ao CT para, em conjunto ao conselheiro, seguir no atendimento do caso.

*

Uma mãe, um filho de sete e outro de cinco anos. O mais velho, Rafael, na primeira série, ficou sem estudar dois anos, pois não havia professor. Ele está batendo nas crianças e não quer obedecer às regras, relata a mãe, D. Lucinda. Ele não tem pai, fora criado por Ronaldo, o ex-marido. A escola sugeriu que o menino tomasse remédios. Os dois filhos são muito agitados, continua a mãe, e, Rodolfo, o mais novo, não deixa por menos. Os neurologistas, segundo Lucinda, disseram que ele não tem nada. Houve suspeitas de abuso sexual, mas não confirmaram. Ronaldo batia em Lucinda na frente dos filhos. Rafael só começou a falar, depois da separação do casal. Segundo a mãe houve um diagnóstico no qual o menino não saberia distinguir o sonho da realidade. D. Lucinda confessa que bate com força no filho mais velho. E, na seqüência, conta que ele, Rafael, recebe castigos em casa e na escola. O menino estuda das sete e meia da manhã ao meio-dia. Ele tem se encontrado com psicólogo uma vez por semana. Não realiza nenhuma atividade física nem artística. A mãe, ao se lembrar, fala que, certa vez, uma psicóloga teria receitado remédio para seu primogênito. No entendimento de Rafael, sem deixar dúvidas, diz que está tudo bem na escola. Ele conta que não gosta de ser chamado de idiota, e que a professora lhe teria dito que se ele fizesse bagunça ele ficaria sem a mãe. Ele não gosta do seu irmão mais novo, Rodolfo, e bate nele quando é chamado de feio. As coisas na casa estão bem, diz. Rafael reclama que tem tido dor de cabeça.

*

Rodrigo tem nove anos e sua avaliação é concisa: Tem muita coisa chata na escola, por exemplo, algumas aulas. Está na terceira série. Não gosta de escrever, diz. É do tipo bagunceiro cinco estrelas, narra ele, todo alegre de si. Sua especialidade, continua, é atrapalhar as aulas que não gosta. Bagunça só quando está entediado, e sente-se assim não raro, deixa claro. Sabe que o professor não gosta de suas atitudes. Rodrigo fala não gostar de brigar e, como quem consente o inevitável, remata o assunto dizendo que de vez em quando acontece. Inventou sotaques: caracavéio. Adivinhou-me psicólogo porque fico perguntando, disse. Gosta da psicóloga, mas nunca parou para pensar nisso. Diz pensar sobre os próprios erros escolares, sente que deve parar, mas não consegue. Está no Jiu-Jitso há seis anos. Gostaria que todo dia tivesse aula de multimídia. Diz não sentir os efeitos dos remédios. Não sabe por que os toma e nem tem curiosidade em saber.

*

Patrícia estuda no período matutino e está indo bem por lá, diz ela. Está no nono ano e não falta mais à escola. Sofre de bronquite congênita. Diz que vai voltar a fazer natação. Ela conta que gosta de geografia e de história. Mora com Suelen, a mãe. Patrícia não tem o hábito de se cortar. Pelas suas palavras, ela fingiu que ia se matar, mas garante que gosta de viver. Gosta de cachorro, também. Disse não se lembrar da história de haver posto no congelador o passarinho de sua mãe. Parou de comer carne no início desse ano de 2015. Relata que tentou se matar por compreender a repetição da vida, todo mundo fazendo as mesmas coisas. Em meio a isso tudo, foi até a igreja, para agradar a uma amiga, após ouvir a possibilidade de fazer a diferença em sua vida. E lá mudou de opinião quanto a querer se matar. Segundo ela, o mundo é cheio de gente imunda. O pai, Félix, aparece de vez em quando e ela diz não gostar dele porque ele seria mentiroso. Ela ressentida o fato de ter ficado sabendo que o pai queria descartá-la quando ela nasceu. Gostaria que a mãe conversasse mais com ela e, quando isso não acontece, parte para outras estratégias, como palhaçada e até fingir-se doente. Suelen, que não bate na filha, gostaria de fazer a diferença e acolher a dor da menina. Gostaria, também, de encontrar o paradeiro do pai de Patrícia. Para ela, diz, a situação é delicada, pois está no fogo cruzado entre a filha e a patroa, que, em ajuda, pagou os últimos três meses do aluguel delas. A mãe diz não saber lidar muito bem com a filha.

*

Ele tem doze anos e se chama Fernando. Mora no Andaraí. Está no quarto ano do ensino fundamental. Outro dia acertou uma pedra no ônibus. Justificou que o ônibus não quis dar carona para eles, que estavam em um grupo. Na seqüência da sua sorte, narra que fora pego pelo motorista e levado à delegacia. Afirmou não sentir nada ao atirar a pedra. A pedra machucou um passageiro. Adiante, conta que sua mãe faleceu e que só vê o pai em passeios. A avó, D. Alice, que o trouxe, segundo ele, fez que não foi com ela e não disse nada sobre esses fatos. Fernando disse que não vai mais atirar pedras em ônibus com passageiro. Falou que estava arrependido. Na escola está tudo normal, salienta, mas não sabe se vai ou não passar de ano. Gosta de ver o pai, que trabalha no estacionamento e ainda não sabia de nada. Não sabe o menino se o pai ficaria feliz ou triste em saber do ocorrido. Ele gosta de jogar vídeo game quando está em casa, para se divertir.

*

Amanda já esteve no CT há cinco meses. Relatara estupro na casa mãe. Após ir à delegacia, com os desdobramentos, diz, a guarda da mãe fora revertida ao pai. Mas, ainda assim, contrariada, exprime a jovem, teve de visitá-la por conta da ordem judicial. A mãe,

Josiane, a obrigaria a assistir filmes do seu desagrado, conta. Amanda fala também que sente medo da mãe. Depois de um tempo na conversa, repetiu que havia sido estuprada. Não quer visitá-la de jeito nenhum. Diz que gosta da madrasta. Quer que eu encaminhe meu parecer ao juiz. A adolescente gosta de brincar com os irmãos fora da escola. Ela expõe que foi ao psicólogo por ocasião dos processos de transferência de guarda. Entretanto, Amanda menciona não ter gostado de conhecer os psicólogos do judiciário, porque a obrigaram a desenhar. Ela me pede pra falar ao conselheiro tutelar para ele mandar o que escrevi ao juiz.

*

Murilo tem três filhos. Ricardo de dezoito anos, Cauã de quinze e Paulo de dez. Está separado há cinco anos de Isabela, mãe dos meninos. Raramente esteve junto com a família. Entretanto, diz, acompanha a família semanalmente. O motivo disparador de ter vindo ao CT, responde, é que o do meio, Cauã, é desafiador. E é o mais artístico, também, reconhece. Tem tendência às humanidades e tecnologias, diz. No entanto, se isola dos irmãos e se contrapõe à mãe. Ricardo, o mais velho, é o mais agressivo, continua Murilo. Para o pai, ele não se interessa muito em estudar ou trabalhar e acabou operando funções de chefe e administrador da família. A mãe o empodera, reprova o pai. E parece, também, explica com clareza, ser o preferido dela. O mais novo, Paulo, de sua vez, imita ao mais velho e tem boa relação com o pai. Murilo expõe, também, que Cauã, o filho do meio, apanha do mais velho. Em relação a isso, a mãe não conseguiria resolver esses problemas de violência física. Ela também, expressa Murilo, incomodado, tem cinco cães que fazem xixi e cocô por toda a casa, isso sem contar que ela acumularia objetos inservíveis. O pai gostaria de ficar com o do meio, mas é preciso perguntar para ele, salienta, refletindo. A mãe ainda não sabia de sua visita ao CT. O seu filho mais querido, Cauã, reclama, não teria as chaves de casa para entrar e sair quando bem entendesse. O que o trouxe, elucida o pai, em complemento aos fatos, foi uma suposta condição de vulnerabilidade. Murilo divulga que o ambiente de sua ex-companheira se mantém sujo, segundo seus singulares parâmetros de limpeza. Isabela, a mãe, acumularia lixo e animais.

*

Rafael, de dezessete anos, mora com o pai. Diz ter relacionamento mais afastado dele, e prefere assim. Seu pai fora seu irmão mais velho, afirma. Contudo, tem gostado de morar com o pai, com quem vive há pouco mais de um ano. Atualmente, está no primeiro ano do ensino médio e, ainda que tenha repetido o nono ano, sonha em fazer direito ou

filosofia. Rafael conta que estudou em uma escola onde um ponto ganhava-se pela compra do livro didático, outro ponto pelos exercícios, um por participar das festas juninas e, um último, por comprar materiais para fazer os trabalhos. Ele revela gostar de rimar, compor músicas, sair à noite e jogar capoeira.

*

Maria conta que a filha Tatiana, de dezessete anos e oito meses, fora deixada pela mãe de sangue três dias depois de parida. Segundo ela, a filha, teve suspeita de TDAH aos três anos e meio. Depois, com seis, começou com a Ritalina, após a mãe haver estudado o tema do TDAH e tê-la levado ao médico. A menina, prossegue a mãe, não teve muitos amigos na infância e nem na adolescência. Ela acha que sua filha não gosta muito de estudar. Ela gosta mesmo, diz, é de dança e artes corporais, mas tem sido agressiva quanto suas orientações e as da avó, ultimamente. Maria está em processo de psicoterapia. Tatiana parou com a Ritalina aos treze, tomou Rivotril depois, não gostou e largou. Na seqüência, administrou Daforin e conheceu ainda o Citalopran. Maria lembra-se, queixando-se, que a filha, após o início do atual namoro, estaria cada vez mais agressiva e desafiadora. Ela fala de sua sensação de angústia por não controlar a filha que, segundo ela, sente que pode fazer o que quiser. A mãe acrescenta em seu relato, ainda, suspeita de esquizofrenia e bipolaridade à filha. Como a filha guarda comida dentro do guarda-roupa, explica, ela entende que há uma patologia, pois isso não é normal.

*

Caio foge de casa. Adolescente. Ele se mistura com o pessoal do tráfico, informam. Sumiram drogas na biqueira onde transita e o pessoal maior de idade o está acusando de roubo. Os pais são separados há oito anos. Caio diz que gosta de ficar com o pai. A mãe lhe bate, denuncia. Chega a ficar uma semana sem aparecer em casa. Estuda no período matutino e está na 3^o série.

*

A mãe, Luciana, iniciou tratamento psicoterápico. Uma das filhas, Aline, com doze anos, parou o tratamento com psicólogo e iniciou com psiquiatra. A outra filha, Carol, de dez, gosta de andar pela rua com pouca roupa. Aline expressa que fica sonolenta e com vontade de dormir. Ela toma risperidona. No primeiro encontro, Luciana informa não saber os nomes dos remédios que toma. Seu discurso é desconexo e com fala arrastada. Quanto às filhas, há queixas de evasão escolar, maus tratos ao avô, com quem reside e, também, furtos domésticos. No segundo encontro, Luciana apresenta os remédios que toma, ao mesmo tempo, por recomendações médicas: Depakote, Carbamazepina, Litium,

Quetiapina e Rivotril. Posteriormente, com os desdobramentos jurídicos, semanas mais tarde, soube-se que Luciana perdera a guarda das filhas. Cada uma delas fora para um abrigo distinto, pois uma delas, a que andava com pouca roupa, fora entendida, devido aos seus hábitos, como nociva à irmã. Mais um tempo se passa, talvez uns três meses, e soube-se no CT que Luciana morrera de enfarto.

*

Artur tem onze anos e mora no Andaraí. Passou para a quarta série esse ano. Diz que gosta de ler e estar na escola. Estuda de manhã e fica no projeto do Andaraí, no reforço. Aprecia jogar bola com os amigos, ficar em casa e brincar de skate com o primo. Mora com a tia, mãe, avó, primo e irmã. A casa tem um quarto, um banheiro, sala e cozinha pequenas. Artur dorme na sala, os demais, no mesmo quarto. Nada o deixa triste, afirma. Entende que tem boa relação com a mãe e ninguém o maltrata por lá. Quer ser jogador do Flamengo. Seus vizinhos são legais. Sua irmã, Juliana, está sendo acompanhada por neuropediatra, no Hospital da Lagoa. Ela toma dois remédios, Neozine, para acalmar e, Valproato de sódio, para evitar as crises. Juliana não anda nem fala, mas grita, balança as pernas e os braços, diz. Devido às condições, recebe um salário mínimo do governo. Ela, que jamais estudara, vai iniciar suas aulas agora, em 2016, em uma escola para pessoas especiais. D. Luzia, a avó, que contou toda essa história sobre a neta, diz que a mãe deles, Fernanda, é ótima na criação dos filhos. Seu único problema, continua, seria agir como quem tem doença mental e, como não tem nenhum diagnóstico que o prove, não faz nenhum tratamento. Fernanda trabalha cuidando dos filhos de outras pessoas, D. Luzia, como doméstica. O pai de Artur está no Piauí.

*

O telefone toca. Era por volta do meio-dia. Do hospital do Andaraí requerem a presença de um conselheiro tutelar. Todos ou quase todos os trabalhadores do CT almoçavam, juntos, vendo televisão. Havia muitos usuários na instituição esperando o fim do almoço para serem atendidos. No hospital estava um menino de doze anos, sem nenhum responsável ainda que pudesse retirá-lo de lá. Segundo a denúncia, ele havia sido estuprado por um morador da comunidade onde residiam. Por volta das quatorze horas, o telefone toca novamente. Ainda não havia sido possível chegar um conselheiro até o hospital. Informaram que, na comunidade, alguns indivíduos haviam encontrado o suposto estuprador e uma justiça se fizera: Mataram-no a pauladas.

*

Marcela foi denunciada por furto de um computador. Nega tudo. Mora com a avó D. Olinda e com o tio Anastácio. Diz que tem vivido com a mãe e está tudo bem. O tio, que conta também ter sido supostamente furtado, mesmo sem saber exatamente a quantia extraviada, reafirma que ela o furtara. Marcela mora em Vila Isabel e está no sétimo ano. Foi enviada ao psicólogo por conta da escola e diz não ter gostado. Para se divertir, gosta de estar com amigos, ir ao cinema, e também de ler romance e aventuras, está lendo *A Culpa É Das Estrelas*. Pensa em fazer faculdade de educação ou de letras. Têm três irmãos, todos morando com a mãe, dois homens, de seis e oito anos, e uma irmã, de quatro. Ela, que mora com D. Olinda desde que nasceu, diz agora que teve, mas não tem mais vontade de morar com a mãe. O pai é falecido. Embora não tem gostado de ir ao psicólogo, como a conselheira disse que ela tem de ir, me conta, ela irá a contragosto.

*

Renata tem oito anos. Conta que a mãe, D. Ofélia, lhe bate de cinto e chinelo. A mãe também a levaria para o bar e ficaria bebendo em sua companhia. Entretanto, continua a menina, ela não a alimenta direito. Esta história de apanhar vem desde os cinco anos, lembra-se. Renata gostaria de viver com o pai, Sr^o Antônio, separado da mãe já há algum tempo. O atual companheiro da mãe seria traficante e teria ameaçado de morte o seu pai de sangue. Renata tem ido sozinha ao colégio.

*

Afonso mora no Andaraí. Tem sessenta anos e é portador de hepatite C. Tem um irmão, Rogério, de sessenta e cinco, que se amasiara com Alice, de trinta e quatro. O problema, diz Afonso, é que essa mulher trouxe um menino para morar com eles, na mesma casa, mas não se sabe quem é o pai e nem a mãe. E como se trata de um bebê, Afonso está preocupado com sanções jurídicas, pois pode ser acusado de conivência com essa situação de um bebê sem pai nem mãe em sua casa. Ele, que é o dono da casa, relata estar se sentindo ameaçado pelo próprio irmão e a cônjuge. Ele reclama que solicita que o bebê seja retirado de sua casa, mas não acatam sua ordem. Mas isso não é tudo. A casa, ele revela, está interditada pela defesa civil, em vista dos riscos da estrutura que foram identificados e, portanto, nem ali poderia estar. Segundo Afonso, Alice tem sido negligente com a educação dos próprios filhos, os quais moram em Niterói. Afonso não tem mais diálogo com ela, pois foi ela que trouxe um bebê estranho a sua casa, e nem com seu irmão, que fica do lado dela.

*

Ludmila já conversou com um psicólogo na ocasião da morte de sua mãe, em 2007. Estamos em 2016 e ela cursa o sétimo ano do fundamental. Seu sonho é ser passista na escola de samba do Salgueiro. O Conselho Tutelar realiza sonho, pergunta ela. Gosta às vezes de estudar. Aquilo que mais gosta na escola são as amigas, e o que menos gosta é quando os garotos batem nela, motivados por rixa de facções. A vida tá boa, diz, tá tudo bem. Mora com a irmã, o sobrinho e a sobrinha. No seu entendimento, ela não vê o pai porque ele não quer. E como ele não pensa nela, continua Ludmila, ela não pensa nele. Pensa, sim, em ser passista. Quanto ao seu problema de saúde, tem ido certinho cuidar do sopro no coração. Diz que gosta de morar na casa com o pessoal. O que a deixa triste é quando chove, pois falta luz e ela sente medo. Gosta muito da tia, que é quem a ensina a sambar. Perguntada se queria parar a conversa, disse que sim, porque queria ir ver as amigas.

*

Renan está na oitava série. Foi expulso da escola Albert Einstein, na semana passada. Segundo conta, ele estava fumando maconha fora da escola, no novo Leblon. Foi quando chegaram os milicianos e pegaram alguns amigos dele. Ele conseguiu correr para dentro da escola e, junto com outros três amigos, foram todos expulsos depois. Na sua queixa, afirma que outros meninos fumam maconha dentro da escola, o diretor sabe de tudo, mas, enfim, só expulsou a eles. Renan gosta de matemática. Diz que quer voltar para a escola onde estudou. Após brigar com seu padrasto, o Antenor, parou até de falar com seu pai, Bruno. A mãe, D. Cristina, de trinta e oito anos, relata o adolescente, não lhe bate já há algum tempo. Em seu entendimento, bater só piora a situação.

*

Carlos tem nove anos. Mora com o pai, Juvêncio, desde 2014. Lá se vão dois anos de convivência. Em sua análise, as coisas estão bem. Tem se comportado mais, comparando a quando morava com a mãe. O pai é professor de capoeira. Carlos gosta de nadar, jogar queimada e fazer jiu-jitso. Está na quarta série e menciona gostar de matemática e de ciências. Disse ter vindo ao CT a convite de um dos conselheiros. Supôs que o conselheiro estava com saudade dele. Entende que a única coisa chata em casa é ficar parado e prefere ficar com o pai. Ao final, me pergunta quando foi que abriu essa delegacia aqui. Para ele, o conselheiro era da polícia.

*

Denis tem oito anos. Diz que, mais ou menos umas duas vezes por semana, os alunos da turma são obrigados a orar em nome de Jesus e cantar o hino nacional. Os alunos da turma, prossegue em sua queixa, implicam com ele. Ele está na terceira série, mas compreende o próprio nome. Mora com a mãe, D. Zuleica, o padrasto, Alcebíades, avô, avó e o irmão de um ano. Denis diz que sua mãe e padrasto lhe batem com cinto e chinelo, o que o deixa triste. Gosta de brincar de pique e pega e também de soltar pipa. Até que gosta da escola, fala. Segundo ele, ele não sabe ler porque fica na bagunça. E diz também que se não aprender a ler vai ficar burro. Acha que o que tem de mais legal na vida é brincar e o mais chato é ficar de castigo.

*

Simone tem dezesseis anos. Quer sair de casa. Sua mãe, D. Lurdes, teria ciúmes dela, mas ela não sabe por que. Ao todo, são seis irmãos. Mora com quatro deles, a mãe e o padrasto Rubens. Seu problema, diz, é que seu padrasto a assedia sexualmente. Isso acontece há pouco mais de um ano. Ele fez brincadeiras que a incomodaram bastante. Não entramos em detalhes. Simone já morou em abrigo, na grande São Paulo. Relata que até que gostou da experiência. Seu desejo é fazer história ou psicologia, ou então, quem sabe, continua ela otimista, história, na USP. Apesar da gravidade da queixa de assédio, Simone afirma não querer que essa questão seja discutida com sua mãe e nem com o padrasto. Ela já havia contado para sua mãe sobre o fato, mas D. Lurdes não teria acreditado em sua história. Simone também conta ser ameaçada constantemente por ela. É moradora do morro dos Macacos.

*

A avó, D. Maria, contratou uma psicóloga para a neta por questões de limites, dizia ela. A psicóloga, Cláudia, acompanha Juliana há três anos. É como se Juliana estivesse apagada, relata a especialista. A menina, continua a avó, não come direito e foi possível notar quadro depressivo. Isso acontece desde o fim de 2015 e ainda perdura agora em 2016. Houve suspeitas de comprometimento neurológico, as quais não foram constatadas. Juliana tem seis anos. A psicóloga, em seus encontros, montou a estratégia de trabalhar com o exercício de psicodrama. Nessa encenação teatral, Juliana, conta Cláudia, pôs uma boneca fazendo sexo oral em um boneco, e falava, em seu exercício lúdico, chupa até fazer sair leite, chupa que vai sair leite. O personagem do boneco era chamado de Aloísio. Na família de Juliana, há um familiar cujo nome é Aloísio. No entanto, o nome da personagem feminina, não era Juliana, mas Bianca. A psicóloga acrescenta que Aloísio

mantinha contato com Juliana, muito embora agora suas visitas à casa da menina tenham diminuído.

*

Cassandra não está com nenhum tipo de acompanhamento psicológico. A namorada do pai, diz ela, tia Luiza, lhe maltrata com empurrões e gritos. A menina queixa-se que após passar doze horas dentro da escola, em casa o pai Davi lhe bate no intuito de que ela estude ainda mais. Em sua escola, conta ela, os alunos não podem deixar comida no prato. Com essa pressão e maus tratos do pai, ela fica nervosa. Segundo sua mãe, Poliana, Cassandra começou a ficar agressiva depois de presenciar suas brigas com Davi, seu ex-marido, que aconteciam desde 2012. Poliana conta também que Davi, em certa ocasião, teria obrigado Cassandra a dizer, na frente do pai e da mãe, que ela preferia o pai. A filha, com essa lembrança da mãe, chora e diz preferir a mãe. Poliana tem pressão alta e taquicardia. E relata também guardar ofensas verbais. Ela conta que a filha tem desenvolvido problemas de pele. Em seu entendimento, devem-se aos estresses a que tem presenciado. Cassandra foi transferida da escola onde estuda para a escola onde trabalha Luiza, a namorada do pai. Nas palavras de Cassandra, papai é um monstro. Ela foi encaminhada ao posto de saúde do bairro. O pai será chamado ao CT.

*

Alex tem vinte e sete anos. Segundo ele, sua ex-companheira Carla, não o tem permitido estar presente com seus dois filhos, gêmeos de quatro anos. Alex conta, com cuidado e constrangimento, que descobrira ser Carla profissional do sexo. Isso pelo menos desde o ano anterior, em 2015. Diz que se separou por outros motivos, não necessariamente pelo trabalho dela. Segundo ele, sua ex-companheira faz alienação parental com seus filhos, o que o deixa contrariado. Alex não está trabalhando e pretende ser militar.

*

O pai, Ricardo, relata estar separado há seis anos, em contrato de união estável, e tem uma filha de oito anos, Bruna, sobre quem veio falar e, para começo de conversa, diz, não quer parceria com a justiça em sua situação. Para ele, Helena, a mãe da menina, não estabelece corretamente os horários de dormir da filha, o que dificultaria, em seu entendimento, o dia seguinte dela, sendo que ela estuda à tarde. Ricardo diz que ela não consegue cumprir prescrições médicas na manutenção da própria saúde, com os exercícios físicos, por exemplo. Outro ponto de discórdia é que ele quer a filha com aulas de reforço em matemática, mas a mãe diz que a menina não precisa e, portanto, não se

mexe quanto a isso, o que o desagrada. Para ele, a filha tem de ter diagnóstico com profissional da psiquiatria, nutrição e odontologia, além de ser preciso dar continuidade ao tratamento alopático, mas não é só isso. A filha, segundo ele, se incomoda de dormir junto com uma empregada, de quem não gosta, o que o faz entender haver aí, claramente, maus tratos. Ricardo não dispõe do telefone fixo da residência onde moram sua ex-companheira e sua filha, o que também o chateia. No meio desse quiproquó, Ricardo conta que Bruna chega em sua casa sem peças para troca de roupas.

*

Com isso, Helena, segundo ele, diz que não é obrigada a prover as roupas da menina quando ela vai passar uns dias com o pai. Os pais de Bruna são vizinhos de quadra, há poucos metros uma casa da outra, o que aumenta sua aflição em vista de Helena não o deixar ver a menina ainda que com com tão pouca distância. Ele não quer que a mãe incentive o *funk* à filha, que vai para a Disney, em breve. Ricardo é categórico ao expressar ter o direito de saber dos detalhes dessa viagem, porém, com mais afinco ainda, ele expressa não pretender falar novamente com a mãe da menina. Ricardo gostaria de poder pegar a filha de em vez quando, quando desse na telha, mas Helena só permite nos dias combinados.

*

Segundo Elaine, sua mãe lhe disse que ela não poderia sair de casa, pois não era digna de confiança, já que não era heterossexual.

*

O adolescente Luiz retorna ao CT para queixar-se que sua mãe, Mariana, o agredira novamente. Ele já não sabe se quer continuar sob os cuidados dela. O pai, Afonso, saiu da residência esse ano de 2016. Depois disso, sua mãe tornou-se ainda mais brava. Estamos em setembro, e o menino afirma desejo de ver sua mãe somente lá pelo meio do ano seguinte. Contudo, Luiz também ressalva que sua mãe lhe bate menos, em comparação ao período da primeira visita ao CT.

*

Tatiana tem dezesseis anos. Veio ao CT motivada por alienação parental. Seus pais estão separados há mais ou menos uns doze anos. Ela conta que até os quinze, vivia com a mãe, Daniela, a maior parte do tempo, e com o pai, Joaquim, aos fins de semana. Entretanto, desde o último ano, reside junto ao pai. Tatiana entende ser ele mais tranqüilo, já que, ao invés gritar e discutir com ela, ele encaminha as situações-problema razoavelmente na conversa. Ela considera, ainda, que até seu desempenho escolar é superior quando em sua

companhia. Por essas razões, Tatiana manifesta desejo de ficar, permanentemente, com o pai, mas sabe, diz ela, que a mãe não aceitaria. A jovem também pondera que sua mãe diminuiu as agressões físicas desde a primeira vinda ao CT. Daniela, por sua vez, diz que está em processo psicoterápico e entende que a filha também precisa dessa forma de acompanhamento. Ela diz que Tatiana mente muito e, não bastasse, não quer respeitar as regras. Segundo suas palavras, na casa do pai se pode fazer de tudo e que, por isso, a menina prefere a companhia dele.

*

D. Eleunice conta que sua filha, na madrugada de quinta-feira passada, teria reclamado de dor nas partes íntimas. Segundo a mãe, seu irmão, de nove anos, teria introduzido o dedo em sua vagina. Ficou lesão, conta a mãe. O menino é filho do pai da menina com outra mulher. D. Eleunice, separada do companheiro, cuida sozinha da filha. Esse fato, conta, teria acontecido duas vezes, de acordo com a história de sua filha. A mãe relata que o menino é agressivo.

*

Monique tem seis anos. Ela conta que mora com a mamãe, a avó e o gato. A vida na sua casa está legal, diz, pois lá tem brincadeiras. Mas ela não gosta que o gato lhe morda. Já na casa do papai, continua ela, tem cachorro, ela descansa bastante e também gosta muito das músicas. O que tem de mais legal por lá é que o cachorro do papai a lambe. Em contraponto, sente-se triste por não ver mais juntos o papai e a mamãe. Quando seus pais moravam juntos, se lembra, sua mãe ficava bastante tempo com ela. Sua vida tem estado bem legal, com bastante música e está aprendendo a tocar piano. Monique entende que a música a ajuda a dormir, diferentemente de dois vizinhos que não a deixam dormir sossegada devido aos barulhos que fazem na casa ao lado. Ela está no primeiro ano na escola, onde o que tem de mais legal é uma amiguinha que, toda solta, dança e rebola muito. O que tem de chato lá, é outra amiga que, de se seu turno, não a deixa se concentrar nas provas. Há psicóloga em sua escola, com quem foi conversar, após presenciar os pais brigando. No entanto, ainda que com as brigas, não hesita em afirmar preferir vê-los juntos.

*

Igor tem doze anos. Sua mãe, Elisandra, o trouxe ao CT. Ela conta que ele toma remédio quando está nervoso, mas ele diz não gostar desses remédios. Elisandra tem quarenta anos, o pai, Sérgio, cinquenta. Igor conta que apanha de ambos, com mão e chinelo. Ele

também se queixa de ser ameaçado de ser devolvido. Igor fora adotado. Ele está na quinta série e gosta de estudar. Em suas palavras, prefere ficar longe dos pais e ficar sem vê-los. Disse que sente isso desde sempre. Prefere mesmo, comenta, é voltar para o abrigo. Seu sonho é ser arquiteto. Perguntado quanto ao que poderia ser feito para melhorar a situação, prontamente responde que gostaria de ficar com outras pessoas e, assim, sair de perto dos pais adotivos. Seus pais adotivos também querem dar embora o cachorro que Igor tanto gosta. Perguntado se, acaso os pais deixassem de lhe bater, se ele gostaria de continuar com eles, disse que não.

*

No CT da Rocinha, em 2014, atendi a uma mãe e sua filha. A jovem tinha por volta de dezesseis anos. A mãe, na casa dos cinquenta. Em conversa com a filha, descobre-se que ela tomava cinco ou seis medicações diárias, controladas por um psiquiatra. Ela não sabia o nome de seu diagnóstico e de nenhum dos remédios, pois todos ficavam sob os cuidados de sua mãe. Em conversa com a mãe, sua queixa era de que a filha andava muito desobediente, respondona e até agressiva fisicamente. A mãe ouvira que a filha tinha o TOD – Transtorno Opositivo Desafiador. A senhora, alguma vez, já se valeu de força física durante o processo de criação de sua filha, perguntei a ela. Sim, responde a mãe. Ao escutar, na seqüência, que sua filha pode ter repetido um modo apreendido de como resolver conflitos, a mãe afasta-se para trás com espanto e se cala como quem irá pensar repentinamente no que parecia ser uma surpresa. Adiante, sua angústia mostrara-se grande. Frente a uma perspectiva que questionava o uso banalizado de medicações, ela parecia perder o rumo. Eu não sei mais o que fazer, dizia ela, em prantos. Eu não sei em quem acreditar, continuava ela envolta de agonia, já levei minha filha em psiquiatra, em psicanalista e agora um psicólogo. A aquarela de verdades psis que ela encontrara na busca por controle dos comportamentos da filha a pusera confusa, como quem estivesse na estaca zero, exceto pela verdade de continuar com os remédios psiquiátricos.

*

Felipe, de onze anos, vem com o pai, Adalberto, de vinte e nove. O pai conta que o filho tem agredido fisicamente colegas em sala de aula. Felipe também xingaria os professores e fora expulso do CREA-TE. Adalberto fala que o menino quebrou objetos pertencentes aos parentes com quem convive, quando eles não estavam em casa. E, por ter roubado dentro da comunidade, continua o pai, ele foi ameaçado pelo tráfico que, por ora, o castigou com um mês sem sair de casa, sob pena de morte. Com isso, não tem ido à escola. O pai também se queixa dizendo que o filho não o respeita. A mãe de Felipe abandonou

o lar e não liga para o menino, completa Adalberto. Em sua oportunidade, Felipe, que não se furta a dizer que seu pai lhe bate com cinto, entende que apanhar não resolve. Perguntado quanto ao que o faz roubar na comunidade, responde que quer imitar os amigos, pois eles também roubam. Mas acha que não vai fazer isso de novo. Na escola, Felipe relata ser xingado de macaco. E quanto à acusação de haver agredido o colega, salienta que teria apanhado antes, ou seja, somente revidara a violência. Ele admite xingar os professores. Sinto raiva das notas baixas, diz Felipe, em defesa própria. E mais, continua ele, não quebrei nada dos parentes, como meu pai disse antes. O que ele mais gosta na escola são as aulas de educação física e de inglês. Já o recreio, para tantos meninos de sua idade o melhor da escola, para ele é um tempo chato. Felipe fala que seu pai não lhe deixa brincar de pique e esconde à noite. E entende que pode não fazer mais besteira e, assim, prestar mais atenção na aula.

*

Jamile tem doze anos e mora na comunidade da Formiga. Sua mãe, Nalva, quarenta e quatro. A menina conta que estuda no Soares Pereira e está no sexto ano. Ela já ouviu falar do CT. Segundo ela, sua mãe lhe dizia que se a filha fosse ao CT, seria o lugar onde a estuprariam, apanharia e poderia até morrer. Ela se queixa dos maus tratos verbais de D. Nalva. Em suas lembranças, Jamile conta que sua mãe lhe chama de burra, idiota, piranha, prostituta e ainda afirmaria que ela não vai ser nada na vida. Outro ponto que a chateia é que sua mãe lhe repele os abraços. Sua mãe não sabe escrever direito, conta ela. Ela fala isso, pois também diz querer alguém que lhe ajude a estudar em casa. Em seu entendimento, a mãe anda sempre irritada, nunca sorri, mas, ainda assim, ela procura deixar D. Nalva feliz.

*

Passando pelo corredor entre as salas do CT, a conselheira tutelar me ouvira problematizando o uso, alguns efeitos e a dimensão política da proibição da maconha. Ficara chateada, soube depois pelas colegas de trabalho. Passado alguns dias, em conversa, perguntei a ela o que ela sentira ao experimentar maconha. Nunca experimentei, respondeu. Perguntei, então, como que se comportaram as pessoas que vira fumar. Nunca fiquei perto de ninguém fumando, disse. Minha última indagação foi de onde vinha, então, a necessidade de haver proibição. Da violência do tráfico, respondera.

*

Dois irmãos não estavam freqüentando a escola. Os responsáveis disseram que a não freqüência era porque a escola situava-se numa área cujo tráfico era gerenciado por uma facção rival à facção onde os jovens residiam. Ou seja, não iam à escola pela manutenção da vida.

*

Em conversa, um menino tem a mão enfaixada. À interrogação a que se devia o ferimento, dissera haver recebido um tiro como castigo pelo seu erro. Afirmara haver perdido uma arma durante sua escala de trabalho, no momento de fuga em meio à guerra com facções rivais e polícia. Nesse fato, a televisão mostrara, naqueles dias, um homem sendo atirado de uma pedra, no alto da encosta de Copacabana, penhasco abaixo. Ao ser castigado, conta o menino, seu chefe lhe perguntou: “Mão ou pé?”.

*

Um adolescente de 13 anos relatou que, após fumar uma ponta de cigarro de maconha, encontrada no chão, sentiu que fosse morrer e desmaiou. Ele diz que sente que vai morrer e que seu coração vai parar. Seus exames médicos não diagnosticaram nenhum problema cardíaco. Era a ansiedade que o acometia. Que sociedade é essa que tem sido produzida, em que indivíduos de 13 anos já demonstram sintomas de ansiedade? Morava na Rocinha. Síndromes do pânico e ansiedade são diagnósticos comuns em áreas de favelas, onde seus habitantes convivem diariamente com o terror das forças de segurança pública do Estado em suas operações de caça e morte à pobreza.

*

Aconchegada na cadeira, a mãe se dizia muito preocupada com seu filho fumando maconha. Ele chega em casa com os olhos vermelhos, dizia ela, toda aflita. Adiante nas problematizações, a mesma mãe que se preocupara com o baseado do filho, dissera não conseguir dormir sem seu remédio de uso controlado. Porém, sua condição de dependência a uma droga legalizada não apareceu, a partir de seu discurso, como um problema a ser abordado. Seu modo de enxergar a questão geral das drogas, preocupando-se com um tipo e deixando de pensar sobre o próprio uso de um específico tipo, ilustra a força das produções de subjetividade nesse tema.

*

Lembro-me de um caso cuja situação problema era a suspeita de que um menino de 14 anos estaria fumando maconha. Em atendimento, o jovem confirma. Pergunto o que o faz fumar e ele começa chorar. Enxugando suas lágrimas, desabafa que fumava porque sua

mãe chegava em casa todo dia bêbada e o arrebatava de porrada sem que ele entendesse o motivo.

*

Clarisse tem doze anos. Ela já foi ao CT em Niterói, porque a escola havia denunciado sua mãe, Ana, por tê-la deixado esperando sozinha na instituição. A filha está em processo psicoterápico há quase um ano. Seus pais separaram-se há cinco anos. Para Clarisse, sua mãe era muito agressiva com seu José, seu pai. A jovem fala que sua mãe se tornou ainda mais agressiva quando terminou a relação com ele. Esta história da agressão se repetiria e, assim, segundo Clarisse, Ana teria sido deixada também pelo próximo companheiro pelo mesmo motivo de ser muito agressiva. Sua mãe está agora com outro companheiro. Clarisse está preocupada com sua desconfiança. Segundo ela, este atual namorado estaria batendo na mãe e, além disso, andaria armado. A mãe de Clarisse lhe bate à toa, sem motivos, narra a jovem. Ela já apanhou com livro, foi empurrada à parede, levou soco nas costas e tapas. Clarisse, que está no sexto ano, diz sentir medo da mãe. Ela conta que nunca denunciou sua mãe por medo e, com isso, pedia ao pai para que também não denunciasse, com receio do que ela poderia vir a fazer com ambos. Clarisse não tem dúvidas ao dizer querer viver com o pai, já que assim escaparia das humilhações verbais que a mãe inflige contra ela. Ela teme que algo pior aconteça, mas, ainda assim, deseja que seu caso vá à justiça, pois quer ir viver com o pai.

*

Segundo conta a conselheira tutelar, o pai, Raimundo, é agressivo dentro de casa. Ele tem quarenta e um anos. Tentou enforcar a filha, Priscila, de dezessete, bateu na madrasta e deixou a enteada com olho roxo com os tapas. Ele teria dito preferir registrar no cartório um cachorro que a filha Priscila. D. Cleuza, sua mãe biológica, fora presa duas vezes. Ela extorquia dinheiro a partir da venda não concluída de cachorros, na comunidade onde residia. Priscila conta que ela também batia muito nos filhos. Teve quatro no total, dois estão morando com o irmão e a outra está com o tio. Depois que nasceu o quarto filho, D. Cleuza decidira tornar-se prostituta para garantir fonte de renda. Mais alguns anos se passam e, prossegue Priscila, ela armou um seqüestro. Mas fora presa novamente, cumprindo nove meses dessa vez, pelo artigo 157, conhecido como “sadinha de banco”. Priscila, que parou no ensino médio, conta que voltará a estudar.

*

Ana Paula tem dezesseis anos. Ela mora com a mãe, Estela. Ela descobriu que, em 2012, o pai, Alex, traía sua mãe e engravidara a amante. Na relação entre ela e a mãe, diz que esta a entende. Já Alex, segundo as palavras da filha, seria machista, homofóbico, retrógrado e dizia que militância é coisa de vagabundo. Ana Paula veio ao CT porque durante uma ocupação, no Colégio Pedro II, ela seria uma das líderes do movimento. E, em meio a esse movimento, passou a circular na internet áudios, segundo os quais, alunos relataram a prática de sexo durante a ocupação. Com isso, depois de o áudio chegar ao Ministério Público, o reitor do Colégio Pedro II a transferira para a unidade do centro. Ana Paula está agora convivendo com o pai, e não gosta.

*

Fábio tem sete anos. Mora no Grajaú. Diz que já conversou com psicólogo. Seus pais o levaram devido ao escândalo que fazia para ir à escola, onde está no segundo ano. O que mais gosta lá é jogar futebol. Quanto a si, se diz quietinho, na escola. Em sua casa, também fala que as coisas estão bem. Ele afirma não ter nada de chato em sua casa. Relata saber que tem um pai e um padrasto. E, ainda que este goste de ser chamado de pai, Fábio o chama de padrasto. Quando fica de castigo, é um mês no quarto, de onde sai somente para almoçar e jantar. Seus pais brigam de vez em quando e ele fica ouvindo os gritos. Ele conta que já apanhou de fio, o qual atingiu seu olho, mas na maior parte das vezes é de chinelo que apanha. Fábio entende que bater resolve só para os pais, mas não para eles. Só o que resolve, acrescenta, no seu próprio caso, é o castigo.

*

Em um estudo de caso, para o qual sou chamado a participar, eis a história: Luan, de treze anos, tem apresentado problemas de comportamento escolar. Fora trocado várias vezes de escolas. Os problemas começaram na primeira escola, onde o menino queria usar boné na sala de aula e não cumpriria ordens das autoridades escolares. Atualmente toma Risperidona e Ritalina. Segundo relato de sua mãe, Lurdes, ele está usando drogas. Ele deixou de vir ao CT. Por haver batido muito em outro garoto, na escola, está sendo processado. Ele nunca aderira a nenhum tratamento. Exemplo disso é que já teria ido três vezes ao CARIM, mas, totalmente resistente, me dizem, não prosseguira o acompanhamento.

*

Tânia está indo ao psicólogo uma vez por semana. Tem dezesseis anos. Conta que gostaria que o pai fosse mais presente, entretanto, o pai viaja e trabalha muito. O pai, Romero, trabalha como piloto de helicóptero da PM. Segundo Vânia, mãe de Tânia, Romero não

gosta de diálogo. Prova disso, narra a mãe, é que ela e ele só conversam pelo *WhatsApp*. Tânia conta também que, certa vez, na residência do pai, na Barra da Tijuca, após seu pai brigar com ela, mandara a mãe buscá-la. Tânia diz que seu pai dirige sem as mãos no volante, o que a deixa nervosa. O pai é tão nervoso, prossegue a jovem, que ela sente medo dele.

*

Josué tem treze anos. Estamos em 2017 e ele já tinha vindo ao CT dois anos antes. Atendido pela outra psicóloga, fora encaminhado à Vila Olímpica do Salgueiro, instituição que também atende crianças e adolescentes oferecendo cursos, esportes e reforços escolares. Morador no bairro do Turano, não está estudando e seu último período escolar presencial fora a quarta série. Durante o dia, fica em casa ajudando sua mãe e sua irmã, de doze anos, com as quais reside. Diz não saber para que serve o conhecimento. Com relação ao uso de maconha, afirma que usa para desestressar, pois não tem um pai que lhe cuide. Quando perguntado quanto ao que o faz roubar, responde não saber, pois nunca faltou nada em sua vida. Segundo informações da conselheira tutelar que acompanha o caso, os problemas de Josué começaram quando seu pai desapareceu. Ele tem se encontrado com um psicólogo há três anos.

*

Vitor Hugo tem quatro anos, sua mãe, Pamela, vinte e dois. A mãe conta que ele pulou o muro da escola. A escola, por sua vez, quer que ele seja retirado de lá ou, então, que a mãe assista às aulas junto ao menino. Segundo Pamela, Vitor Hugo andou com nove meses. Em seu relato, também conta que ele empurrara um colega de escola, ateara fogo na cortina de casa e afogara gatos. A mãe o levava ao neurologista, que o encaminhava ao psiquiatra. Isso foi há sete meses. De lá pra cá, tem tomado Carbamazepina e Ácido Valpréico, que o fizeram, respectivamente, sentir-se intoxicado e vomitar. Pamela entende que não houve nenhuma melhora com os remédios. Quanto aos encontros com o psicólogo, também tem o mesmo entendimento de que não houve mudanças. Ele, Victor Hugo, voltará ao psiquiatra, diz ela.

*

Michele, de dezesseis anos, mora no Grajaú. Ela veio com a avó materna, D. Fátima. Esta conta que a menina agora mora com ela, pois o pai, Ronaldo, encontra-se em Maricá. A mãe de Michele, Janilda, foi para Florianópolis, com Jorge, o atual companheiro. A avó fala que a menina apanhava da mãe em conjunto ao seu companheiro. Em suas palavras,

era espancamento. Michele, de sua vez, conta que está fora da escola há mais ou menos uns quinze dias. Ela entende que é melhor permanecer longe de sua mãe. Ela confirma as agressões narradas pela avó, com quem tem gostado de estar. Michele revela que foi estuprada pelo avô materno, aos quatorze anos. Mas não foi só isso. Jorge também teria abusado dela, com as mãos. Com isso, o tio de Michele, continua a jovem, quando soube da história, arreventou o avô. Ela fala que quer viver com Ronaldo, em Maricá.

*

Magda tem quinze anos. Mora com sua mãe Zileide, de cinquenta e quatro, e com a irmã de vinte e dois. Magda conta que a mãe e a irmã brigam bastante, que Zileide a xinga de maluca e deseja que ela se torne mendiga. Segundo a adolescente, a mãe lhe bate com a cabeça na parede, dá tapas na frente das pessoas e a humilha em lugares públicos. Magda não deixa por menos e, em suas réplicas, chama a mãe de lixo e tudo mais. O estopim, para a menina, segundo narra, é que sua mãe, há pouco mais de um mês, ligou para a casa de festas onde ela se divertia com amigos. Após esse episódio, Magda se cortou. Diz que foi para tirar o sangue e a angústia. Ela tem raiva mãe. E já havia tentado se matar, com faca também, aos treze. A jovem, que está no nono ano escolar, foi duas vezes ao psicólogo. Ela conta que a madrasta lhe convidou para morar junto com ela. Dona Zileide afirma ser muito brigona. Ela acha ruim Magda ficar andando atrás do shopping, sozinha, com um garoto. A mãe da menina diz não se lembrar do episódio de bater com a cabeça da filha na parede, e também conta que a madrasta lhe havia dito não ser possível ficar com Magda.

*

.....
Edinei, de dezessete anos, é de Vila Isabel, morro dos macacos. Usou o dinheiro da mãe, sem permissão, há dois meses. Gastou, aproximadamente, cinco mil reais. Roupas, comidas e entretenimentos diversos, como passagens de transporte pela cidade. Edinei trabalha com auditoria em finanças, no shopping Bossa Nova Mall, ao lado do aeroporto Santos Dumont. Mora com a mãe, a irmã de vinte e dois e, um irmão, que os visitam. Entende que fez algo muito errado. Está no segundo ano do ensino médio. Gostaria de fazer curso técnico de contabilidade e administração.

*

.....
Valéria fugiu de casa, na comunidade Casa Branca. Na casa moram Bianca, sua prima de dezessete anos, Wilton, primo de vinte e nove, Zuleica, de quarenta e cinco, que é dona da casa, e a mãe de Bianca e Renato. Valéria foi expulsa ontem da casa de Zuleica, pela

quarta vez. Ela conta que foi estuprada durante um ano pelo ex-marido de Zuleica que, ao não acreditar em sua história, lhe expulsou de casa. Com isso, Valéria diz que quer morar com Marina, que conheceu pela internet. A mulher é mãe de Luana, uma amiguinha com quem estuda. A jovem passou agora para o nono ano. Tem ido ao psicólogo há pouco mais de um mês e tem gostado. Foi por orientação da conselheira, diz. Mas, apesar do seu querer, diz também saber que Marina não pode ficar com ela. Ao falarmos de seus parentes, entende que não a querem bem. Mudando de assunto, das matérias, a que mais gosta, é português. Quer ser médica como Marina, que trabalha em hospital. Valéria tinha fugido para a casa da irmã de Zuleica, Berenice, mãe de Andréia, com quem bate papo todo dia. Valéria diz fugir do abrigo se for parar lá. Ela conta que Marina realizou todos os seus sonhos. Um deles foi ter ido ao samba, outro foi ela ter ficado por perto dela, a quem chama de mãe. Seus sonhos são morar com Marina, ser médica e sambista, arremata. Gostaria ainda que Marina viesse aqui, fala a jovem Valéria, que reitera estar mais feliz quando está com Marina.

*

O filho não quer conversa com os pais, que dizem ser ele do tipo mais fechado. Passa a noite fora de casa e está trocando o dia pela noite, escuta quieto o jovem Marcos a avaliação sobre si. Edevaldo, o pai, trabalha à noite e dorme pouco, informa. Eles dizem querer que o filho volte a ser o filho de antes. E, em tom de reprovação, dizem que a professora do menino havia exposto a situação dele pra todo mundo. Os pais ficaram desagradados com isso. O filho diz que vai à escola e todos agora o olham em silêncio. Marcos comprometeu-se a voltar à psicoterapia. Mas salienta não querer outras atividades fora do período escolar. Ele toma remédios, mas não sabe os nomes. Relata que se sentiu triste e mal ao tomá-los. Cristina, a mãe, queixara-se da assistente social que, em uma ocasião, teria dito que a família toda está doente. A mãe não gostara nada disso, ficara ofendida com o diagnóstico. Por fim, informa que o clínico geral que atende o menino também o encaminhou ao psicólogo.

*

Renato tinha dezessete anos e oito meses. Nasceu em Minas Gerais, morou em Osasco a agora está na Rocinha. Tem um primo e dois irmãos. Os pais faleceram em acidente de carro, em 2008. Ele conheceu o Srº João há dois meses, que é quem o ajuda. Mas ele não sabe por que a tia, de cinquenta e cinco, não o auxiliara quando precisou dela. Os irmãos têm dezessete e dezesseis anos. Renato largou os estudos na quinta série, há seis anos,

mas pretende voltar a estudar. O Sr^o João, prossegue o jovem, já está mexendo com a transferência, onde constará ser ele o detentor legal da responsabilidade do jovem, ainda que por pouco tempo. Não fosse o Sr^o João, salienta Renato, já teria entrado para o crime. Após encontrá-lo em Ipanema e contar sua história, nesses encontros casuais, agora o rapaz recebe sua ajuda. Na Rocinha não há ordem, diz. Fala também que iria pedir ajuda na Igreja. Tem trabalhado quinta, sexta e sábado em seu ofício de escanear e fazer fotocópias. Não está recebendo pelo trabalho, mas isso não o incomoda. Às vezes, diz, nem trabalha quase nada mesmo. Conta também com outros irmãos de outro pai. Ao ser perguntado para que serve um conselheiro tutelar, respondeu não saber nem gostar. Só quer poder trabalhar tranqüilo. Renato reclamou da guerra que há em todo lugar.

*

Nádia, a mãe, conta que Caio, seu filho, disse dia desses que fora obrigado a realizar sexo oral em outros meninos de sua turma onde estuda. Em conversa, Caio diz que está na quarta série. Ele afirma que ele e mais um amigo foram cercados por um grupo de cinco meninos, da quinta série, no horário do recreio, em uma parte mais afastada do pátio onde se podia estar sem ser visto. E então, segundo ele, houve uma encenação com palavras, em que ele e seu amigo passaram a ser chamados de bandidos e, com isso, foram subjugados. Nessa história, o menino narra que abaixaram as roupas dele e de seu amigo, lhe atiraram pedras e passaram o pênis em suas bocas, do lado de fora. A sessão de tortura teria durado uns cinco minutos. Em seu entendimento, sentiu-se triste, pois o que fizeram foi errado. E que se isso fosse feito com eles, prossegue, eles não gostariam.

*

Elaine conta que tem vários boletins de ocorrência contra o ex-marido, Murilo. Ela se sentia muito controlada por ele, diz. Ele, segundo ela, que é ex-policial, quer tirar a guarda de sua filha. Elaine não quer que ele tenha acesso nenhum à menina. Separaram-se há um ano. Elaine quer voltar ao seu país de origem, Letônia. Ela conta que Murilo bate na filha e não a deixa ligar para mãe, quando na companhia dele. A menina está sendo acompanhada por psicólogo. Segundo Elaine, a filha tem medo do pai.

*

Estela tem seis anos. Ela conta que o pai, Ferraz, bate nela no bumbum, porque ela não obedece. Diz que apanha quase todo dia. Os pais são separados, e ela não gosta de ir para casa dele. Além disso, acrescenta que lá não tem brinquedos e que todo mundo, prima, avô, avó e pai a tratam mal. Perguntada desde quando apanha, afirma ser desde bebê. Quanto ao que sente pelo pai, afirma que nada, e, pela mãe, tudo. Ela diz ter medo do pai

bater nela de novo. Ao final, perguntada se quer dizer mais alguma coisa, responde querer viver somente com a mamãe.

*

Dona Lúcia conta a história de Josiane, agora com dezessete anos. Segundo ela a menina lhe foi dada com cinco anos de vida. Aos quatorze, Josiane manifestou desejo de voltar à casa da mãe, Cremilda, onde ficou até os dezessete. Josiane mora em Mangaratiba, onde fica sozinha ao longo do dia. Dona Lúcia quer responsabilizar-se legalmente pela adolescente. Josiane conta que fora estuprada quando era criança. Aos três anos, ao ser deixada com um amigo da mãe para que tomasse conta dela, ela fora estuprada e abusada por vários meses todos os dias. Ela conta que se sente rejeitada pela mãe desde que voltara a residir com ela. Josiane tem mais cinco irmãos morando na mesma casa, e sente que a mãe faz diferença entre os filhos, pois ela a rechaçaria. Quando tinha quinze anos, a jovem conta que sua mãe lhe oferecera a homens mais velhos da comunidade onde moram para sexo em troca de dinheiro, o qual que deveria ser dado à sua mãe. Josiane quer voltar a morar, novamente, com D. Lúcia, que conta estar sendo ameaçada pela mãe da menina, com a polícia.

*

Cristiane tem onze anos e os pais separados há seis. Não quer estudar, o faz obrigada por eles. Quando sai de casa, não volta antes das onze ou meia-noite. Não gosta de ninguém na escola onde está agora. Os colegas implicantes na escola chamam-na de metida. Está morando com o pai há três semanas, desde que fugira de casa por três dias. Cristiane diz que quer morrer. Está cortando os pulsos de vez quando. Tem se auto-mutilado há aproximadamente dois anos. Ela diz se cortar por sentir raiva do pai e do irmão. Parou de fumar maconha, só usava quando ficava muito estressada. Parou também com o cigarro. Cristiane fala que gostaria de ir à escola sozinha, de ir ao shopping e voltar somente em companhia de si. Meu irmão pode sair sozinho, mas a mulher não pode, diz, em tom de questionamento.

*

A avó lhe bateu com cabo de vassoura, por ter deixado roupa espalhada no quarto, cômodo dividido ainda com outros irmãos. A neta, de doze anos, chama-se Joana. Essa não fora a primeira agressão sofrida por ela. D. Ofélia, a avó, já usou o chinelo outras vezes, conta a menina. Joana mora com a mãe, Luzia, de trinta e três anos, um irmão de três, outro de quatorze e, a avó, de cinquenta e seis. Ela diz que tem parado de apanhar,

mas sua mãe Luzia lhe bate com cinto, porque ela não tem boa nota na escola. Para se divertir, gosta de jogar bola, e também gostaria de lutar *muay thai* e fazer natação. Moradora no Grajaú, Joana quer ser delegada.

*

Cleber tem doze anos e está na sétima série. Ele conta que ontem o pai lhe bateu com cabide, mas também já apanhou com cinto e chinelo. Passa a semana com Tiago, seu pai de quarenta anos. No fim de semana, fica com Fernanda, sua mãe, de trinta e quatro. Cleber mora com o pai, a esposa atual do pai, um irmão de dezessete anos, o filho e a filha da madrasta e uma neta da madrasta. Ele conta que só tinha vindo ao CT com a mãe, essa é a primeira vez que vem sozinho. Diz ter medo que o pai seja preso. A mãe, Fernanda, dificilmente lhe agride verbalmente, já o pai, não usa de violência com as palavras, mas, bate, inclusive no irmão. O menino gostaria que o pai mudasse e manifestasse carinho. Ele fala com a mãe sobre as agressões. Cleber gostaria de um psicólogo para desabafar. Deseja ser arquiteto, diz.

*

Dona Renata vem ao CT devido seu desejo de conseguir a guarda de dois irmãos, adolescentes, cujos pais faleceram. A mãe deles, Rosália, em 2009, vítima de atropelamento e, Ulisses, o pai, em 2016, de homicídio. Ela conta que o pai era usuário de drogas e, quando o mataram, em sua casa, mataram também seu irmão mais velho e o amigo de seu irmão. Danilo e Luiz, filhos de Ulisses, estavam na casa. Eles viram o assassinato e, ao não serem vistos, conseguiram esconder-se no quarto. Ambos os irmãos se encontram em um abrigo, aqui na capital Rio de Janeiro, após terem passado os anos de 2010, 2011 e 2012 sob a guarda de Dona Renata. Eles também passaram pelo abrigo de Marechal Hermes, em 2009. A família do pai alega, segundo Renata, não ter condições financeiras de ficar com os meninos.

*

Estamos em agosto de 2017. Adriano já tinha vindo ao CT, em fevereiro. Ele diz que não mudou muita coisa desde então. Segundo ele, sua mãe, Raquel, bate em si própria e diz que foi ele quem lhe bateu. Tem apanhado só de vez em quando, relata, quando vai mal da escola. Os socos e tapas pararam. Passa uns quatro ou cinco dias do mês com o pai, Augusto. Gostaria de estar mais tempo com ele. Ele quer ir morar ele, conta. Adriano queixa-se que sua mãe fica falando mal de seu pai e ofendendo-se a si mesma. Ele conta que tem ido ao psicólogo desde fevereiro, e que sua mãe até frequentou também, mas interrompeu antes dele as sessões. Adriano encontra-se na oitava série. Diz sentir

dificuldades para concentrar-se, por ser xingado pela sua mãe e pelo que ela diz de seu pai.

*

Jéssica vem ao CT com sua avó paterna, D. Meire, que conta que suas filhas, mãe e tia da menina, lhe bateram. A mãe, Carol, lhe deu tapas e bateu sua cabeça na parede. A tia Monalisa, só tapas. O pai, Reginado, continua D. Meire, também não está falando com a filha. As agressões em Jéssica foram ontem, e começaram por conta de uma história dos primos. Há três semanas, a menina teria ajudado os primos a roubar o celular de uma mulher na rua. Ela diz que correu bem na hora que pegaram o telefone. Jéssica está agora com treze anos. Está na sexta série. Não é a primeira vez que vem ao CT. Em suas palavras, os pais não a encaminharam à natação, nem à luta marcial e nem à psicologia, como combinado. Segundo a avó Meire, sua filha Carol xinga sua neta de piranha, puta e cachorra. Em certa ocasião, continua ela, após Jéssica ter ido junto com a prima buscar o dinheiro dos produtos de beleza vendidos por ela, como a compradora não pagou e, portanto, a menina chegou em casa sem dinheiro, Carol, então, teria sugerido que ela fosse dar o cú para arrumar esse dinheiro. A adolescente Jéssica estudou ano passado e está fora da escola, pois sua mãe não efetivou a matrícula da menina, vai dando seqüência aos fatos a avó Meire. A menina está morando agora na casa da tia. Ela, a menina, fala que quer ficar com a avó. Em outro episódio lembrado, Carol teria pego o dinheiro do marido e dito que foi a filha. A avó diz que foi a irmã de Carol quem lhe contou. Em visto de tudo isso, D. Meire quer regularizar a guarda da neta. O pai, Reginaldo, quer internar a filha.

*

Juliano não sabe por que veio ao CT. Entende que está tudo normal. As coisas na escola estão normais. Mora com o pai, a mãe e um irmão de dezoito. Ele diz se sentir mais calmo e alegre quando fuma maconha. Na oitava série, conta quatorze anos.

*

Amélia vem com o filho Wiliam. Ele está agora no terceiro ano. Ela conta que os vizinhos teriam jogado trabalho para que ela ficasse doente e que eles estariam mentindo na denúncia de que ela bateria no menino. Amélia reitera que não bate no filho, também não o xinga e nem o maltrata verbalmente. Segundo suas palavras, o pastor lhe revelara que jogaram uma doença pra ela, mas caiu no filho. Wiliam comprova que sua mãe não o xinga nem o agride fisicamente. Ele diz gostar da escola. Seu pai é pedreiro.

*

Jonathan, de sete anos, fala que a vida tá boa. Mas, às vezes, fica chateado porque os pais brigam com ele por conta das desobediências. O pai, Mário, de trinta e dois anos, lhe bateu com chinelo três vezes na bunda. Jonathan chorou, diz que doeu muito e ficou chateado com o pai por isso. Mário não pediu desculpas, avança na história o menino que, no fim das contas, não sabe se o pai soube que, de fato, ele não lhe mentira. Jonathan entende que poderia ter apanhado caso tivesse mentido, mas não sabe se apanhar resolve. Ele não apanha sempre dos pais. Quanto à sua mãe Isabela, de trinta e dois anos, ela não lhe bate com força, salienta ele. Em sua narrativa, afirma que quando for adulto, não vai bater no seu pai. Ele conta que tem morado com a mãe, a bisavó e o avô. Já de seu pai, diz que o vê de quinze em quinze dias e acha que tá bom. Em suas palavras, os pais têm uma relação mais ou menos. Jonathan deixa claro que não sente raiva nem do pai nem da mãe quando apanha, só fica triste.

*

Mônica está no segundo ano do ensino médio e conta dezesseis anos. Em sua percepção, diz haver tido um surto de rebeldia. Com uma dose de prudência, faltou às aulas, mas dentro do limite estabelecido de possibilidades. Ela diz que já experimentou maconha, foi no final do último ano. Ultimamente, conta, pôs *piercing*, sem autorização. Quando fumou, volta ao assunto, sentiu que, por um momento, esqueceu-se dos problemas. Mas depois veio tudo, admite. Passou um tempo e ela tirou o *piercing*. Na sequência, expõe sentir dificuldade de apoiar-se e confiar nos pais. Além disso, Maria, sua irmã, saiu de casa no meio do ano passado, em 2017. Já sua amiga, mudou-se para o Recreio dos Bandeirantes. Mônica relata não conseguir dar apoio aos pais. De volta ao assunto da irmã, acrescenta que ela tentou suicídio no começo do ano passado. Nessa última tentativa, ingeriu remédios de tarja preta. Ao mencionar sobre os pais, diz que eles a xingam, mas só de vez quando. Ela compreende que o CT serve para ajudar quem está perdido. Já tinha falado com psicólogo, mas parou. Já ao final, para poder melhorar, conclui que poderia abrir-se mais com seus responsáveis e, além disso, pensa que seus pais poderiam tentar parar de colocar pressão para que ela se abra com eles.

*

Elias fala que nunca houve problemas na escola e que sua mãe lhe bate à toa. Relata preferir morar no abrigo ao invés de permanecer na casa dos pais. Ele quer viver com a avó, Francisca. Elias saiu de casa essa semana, à noite. Mora com o pai, de trinta e três, com a mãe, de trinta e cinco, um irmão de quatorze e uma irmã de oito. Ele relata que sua

mãe disse que ia lhe bater até ele morrer e também teria tentado lhe estrangular. Na seqüência, conta que apanhou com a madeira do guarda-roupa. O que ele gostaria, diz, é que sua mãe perdesse sua guarda para que ele pudesse morar com a avó.

*

Giani está na sétima série e com quinze anos. Nunca tinha vindo ao CT e nem falado com psicólogo. O menino diz pedir ajuda à sua mãe, Margareti, mas ela não o atende. Ele fala que sentia falta de liberdade. Mora com a mãe, de trinta e dois, o padrasto José, e outros dois irmãos, de quatro e nove. Em sua interpretação, tem se dado bem com o padrasto. As brigas começaram, segue o jovem, quando eles saíram da casa da avó, Inesita, há oito anos. Giani se dá bem com os irmãos. Ele conta que sempre quis fazer aula de inglês e de luta. Fala que visitava o pai, Lucrécio, e o tem visto regularmente. Giani quer morar com a avó, mas diz que a mãe não quer. Ele infere como principal motivo às brigas o fato de não ter suas próprias escolhas e que ela, a mãe, não ligaria para os seus desejos. A briga foi há uma semana. Na separação dos pais, ele tinha um ano. Giani diz que está se sentindo bem com tudo que está acontecendo. Como resolução dos problemas domésticos, considera que poderia ser passada sua guarda a avó. Os pais e os avôs são vizinhos. Ele narra ter apanhado de Margareti com cabo de vassoura e soco no rosto. E, em nenhum momento, lhe agrediu verbal ou fisicamente. A mãe, segundo ele, costuma se valer de cinto ou cabo de vassoura para corrigir seus problemas. O padrasto também usa de agressões físicas em suas reprimendas. O que Giani quer saber, é se poderia ficar com seu pai, caso os avôs não possam ficar com ele legalmente.

*

Alexandre tem sete anos. Diz que na escola está tudo bem, lá tem recreio. Ele conta que sua mãe, Daniela, lhe bateu com fio. Ele estava mexendo com os gatos e, então, o namorado dela, Ricardo, prossegue o menino, disse pra bater mais. Alexandre gosta de brincar com bola de futebol. Toma Aldol, pra não ficar agitado. Apesar de ter apanhado da mãe, ressalva que ela não bate sempre. O pai não mora junto. Está tomando o remédio há duas semanas. Já foi para o abrigo uma vez.

*

Heloísa, já com quinze anos, encontra-se no primeiro ano do ensino médio. O colégio é particular, e ela não sabe quanto custam seus estudos. Ela veio ao CT porque não tem ido à escola. Ao passar por psicólogo, neurologista e psiquiatra, recebeu diagnóstico de ansiedade e depressão. Ela menciona que não queria sair de casa nem tampouco fazer o

trajeto até o colégio. Heloísa expõe que não queria ficar na sala de aula, onde sente medo de chamar a atenção e de ter um ataque. Por não conseguir sequer dizer à mãe o que se passava, adotara a estratégia de escrever textos para se comunicar com ela. Havia também medo quando pensava ter de ir à escola no dia seguinte. Com o uso do remédio, relata, melhorou sua insônia e voltou até a comer novamente. O que gostaria, diz a jovem, é de trancar a matrícula e fazer curso técnico. Esses problemas de ir à escola emergiram tem uns dois anos, em 2016. Outro temor que lhe assalta é quanto à reação de seus avôs, pois eles pagam a escola. Heloísa afirma não gostar de ficar em lugares onde há muita gente. Escrever sobre fantasias é algo que lhe apetece, diferentemente dos esportes. Quer fazer faculdade de letras ou de psicologia. Ela se cortava, continua a narrar, quando se sentia muito pressionada pelo que os avôs iriam dizer de suas ações. Outra coisa que já pensou, é fazer teatro.

*

Ao todo são sete pessoas na casa. Danilo, de dezessete, tem um irmão de dezenove, outro de dezesseis e mais um de quatro. Ele conta que está tudo *ok* em sua casa. Atualmente, diz, não permite mais que seja feito com seus irmãos menores o que foi feito com o mais velho, por exemplo, quando Jussara, sua mãe, tentava cortar o dedo do menino para que ele não o chupasse mais. Ele afirma, também, não permitir mais que sua mãe coloque os meninos ajoelhados no milho e nem no arroz. Danilo diz que quer sair de casa, mas só com dezoito. Sua preocupação é com os maus tratos da mãe ao filho mais novo. Danilo quer fazer faculdade de educação física e está se preparando para as provas da aeronáutica e marinha. Segundo ele, nenhum dos filhos reprovou na escola. Ele gostaria que a mãe mudasse o jeito. E ele também expõe que sua mãe Jussara não o quer mais em casa.

*

Leila tinha quinze anos quando veio acompanhada de sua madrasta, Isabel. Ela relata que sua mãe Edirene lhe batia muito. No ano passado, em 2015, recorda-se, sua mãe utilizara não só um pedaço de madeira e chinelo, com o qual lhe aplicara os corretivos, mas chegou mesmo a enfiar pregos na ponta de uma vassoura para lhe agredir. Nesse mesmo ano passado, conta a menina, D. Edirene lhe dizia para ficar com um homem mais velho, de trinta e dois anos, cujo dinheiro oriundo desses encontros de exploração sexual teria de ser repassado à mãe. Anos antes, aos seis anos de idade, o irmão de sua mãe lhe assediara na cama. Leila nunca mais falou com o tio, afirma, enquanto diz sentir raiva, nojo e asco dele. A jovem mora com Oswaldo, o pai, há mais ou menos um ano. Ela conta que fugiu de casa porque apanhava muito. Em separado, a madrasta Isabel conta que a mãe de Leila

havia matado um policial antes de ir morar em Campo Grande, zona oeste do Rio. Além disso, ela teria também roubado um fuzil e entregue à facção rival, por quarenta mil reais, isso tudo no ano passado. A mãe até tem uma amiga em Irajá, explica Leila, mas não pode freqüentar o morro, senão morre. Leila afirma odiar a mãe. Ela não a suporta e deixa isso claro em suas palavras. Ela pensa que a mãe deveria perder a guarda dos filhos. Leila parou de estudar, diz que mudava muito de escola. Ela chama sua madrasta de mãe, e alega não ter tido infância porque teve de cuidar dos irmãos.

*

Um dos conselheiros recebe um celular de um morador da comunidade, onde havia sido encontrado. Na filmagem descoberta, de um ou dois minutos, uma menina, de dois ou três anos, nua, deitada na cama de barriga pra cima, lambe o pênis ereto do próprio homem que os filmara. A menina sorria como quem se divertisse no prazeroso sentido advindo do gesto de sucção da pele, com seus nervos, sem a consciência de uma moral inaceitável em qualquer sociedade. O homem ainda fizera questão de filmar o próprio rosto ao final. As conselheiras passaram mal com o vídeo. O delegado, ao ver o conteúdo, prometera caçar, encontrar e se vingar.

*

Em março de 2018, Dona Francisca relata agressões verbais e físicas de seu filho Lucas, que, no próximo aniversário, completará dezoito anos. Ela diz que ele larga tudo pelo que ela entende como um vício em vídeo-game. Ele teria lhe dado socos e chegou ao ponto de pegá-la pelas orelhas. Ele está no segundo ano do ensino médio e disse-lhe que ela podia sair de casa. Ele, sem trabalho, tem se encontrado com uma psicóloga há dois anos. Mas a mãe entende que não tem havido melhoras. Ela conta que ele se revolta quando ela fala de suas agressões. Lucas quebrou a porta do quarto e o ventilador. Sábado passado, segundo ela, após Lucas mordê-la, ao observar o sangue que saía das carnes do seu braço, em tom de deboche, ele perguntou se estava doendo. Na seqüência, atirou suas coisas ao chão, na sua frente. Dois meses se passam e, em maio, no início do mês, Lucas vem ao CT. Ele está em psicoterapia e gostou da ideia de uma proposta de terapia familiar. Ele entende que se sente mais tranquilo e relata brigar menos com a mãe. Sua avaliação é que tem uma relação saudável com os jogos, mas, com o computador, não, pois fica mais tempo do que gostaria em frente à máquina. Gosta de conversar com os amigos, contar piadas, conhecer lugares, fazer novos amigos e nadar, mas não está nadando e nem gosta de literatura. No fim do mesmo mês, relata que as discussões têm diminuído. Ele

tem até, diz, ajudado a organizar a sala não deixando ela bagunçada. Lucas conta que parou com os maus tratos à mãe. Na escola, está abaixo da média em literatura e português. Em junho, diz que não tem havido mais os xingamentos recíprocos de outrora. Lucas avalia que está normal, entretanto, diz que se sente sozinho. Conta que quando está em um lugar com gente, quer ser amigo de todos. Ele encontra o pai uma vez por mês e, no nosso último encontro, se diz fascinado sobre robôs e a inteligência artificial, porém, dessa vez, piorou em química. Dois anos se passam e ele me aborda na calçada da Av. Conde de Bonfim, na Tijuca. Trocamos aquelas palavras corriqueiras que ocorrem quando duas pessoas passam muito tempo sem se ver e, ao final, quase no momento da despedida, ele diz: Prestei o vestibular da UERJ e estou na lista de espera, concluiu feliz o jovem.

Referências Bibliográficas:

- Deleuze, Gilles. Conversações. Tradução de Peter Pál Pelbert. – São Paulo: ED. 34, 1992.
- Foucault, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In.: Microfísica do Poder. Rio de Janeiro. Graal (1979)
- _____ Foucault, M. Em defesa da sociedade. Martins Fontes. São Paulo. (1999).
- Lobo, Lilia. Ferreira. Introdução. Pesquisar. A genealogia de Michel Foucault. (2012).
- Passos, Eduardo. & Barros, Regina. Benevides. de Barros. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In.: Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Editora Sulina; 1ª edição. 2017: p. 17.
- Rolnik, Suely. Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo. 2º edição, Porto Alegre: Sulina. Editora da UFRGS, 2014.

Edson Campos Furtado
Universidade Federal Fluminense (UFF)
Email: edsoncfurtado@yahoo.com.br